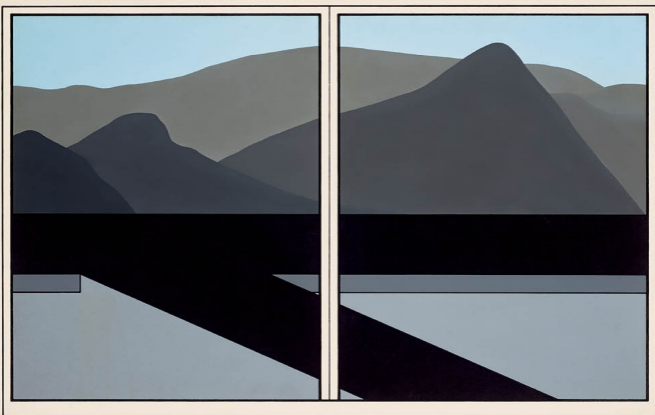


DISCURSO DE  
PRIMAVERA  
E ALGUMAS SOMBRAS  
**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**



**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE  
DISCURSO DE PRIMAVERA  
E ALGUMAS SOMBRAS**

POSFÁCIO  
Sérgio Alcides



## Sumário

### NOTÍCIAS DO BRASIL

Águas e mágoas do rio São Francisco  
Num planeta enfermo  
Kreen-akarore  
As arcas e os baús  
Triste horizonte  
Receituário sortido  
Jornal de serviço (Leitura em diagonal das  
“Páginas amarelas”)  
Ataíde à venda?  
Um besouro em toda parte

### OS MARCADOS

A casa de Helena  
Pedro Nava a partir do nome  
Em louvor de mestre Aires  
Augusto Frederico Schmidt 10 anos depois  
Perda  
Murilo Mendes hoje/ amanhã  
A Lúcio Cardoso (na casa de saúde)  
Traços do poeta  
Lembrança de Portinari  
A falta de Erico Verissimo  
Frutuoso Viana  
Alagados da Bahia  
A um contemporâneo  
    I — O sábio sorriso  
    II — Alceu na safira dos oitent’anos  
Uma flor para Di Cavalcanti  
Manuel Bandeira faz novent’anos  
Folheando *Disegni*, de Kantor  
A Abgar Renault  
A Lourdes e Cassiano Ricardo  
*Exercitia*, de José Geraldo Nogueira Moutinho  
*O nariz do morto*

A paisagem no limite  
Visão de Clarice Lispector  
Um lírio, por acaso  
Joan Crawford: *in memoriam*  
Postal para Catherine  
A voz  
A Afonso Arinos, setentão

#### SÃO SEBASTIÃO E PECADORES DO RIO DE JANEIRO

Retrato de uma cidade  
Elegia carioca  
Alegria, entre cinzas

#### CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL

Branca Dias  
Governador em viagem  
Inconfidência Mineira  
Fala de Chico-Rei

#### ASSIM VAI (?) O MUNDO

Ultratelex a Francisco  
Mal do século  
Antibucólica 1972  
Entreato de paz  
Todo mundo e ninguém (*Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente)  
Microlira  
    Infatigável  
    Indagação  
    Sussurro  
    Recomendação  
    O comércio da privacidade  
A grande manchete

#### MÚSICA DE FUNDO

A palavra mágica  
O constante diálogo  
Som  
A casa do jornal, antiga e nova  
E aconteceu a Primavera  
Retrolâmpago de amor visual

Exorcismo

A rosa é um jardim

Receita de Ano Novo

Ceia em casa de Simão (Evangelho de Lucas, VII, 36-50)

Os namorados do Brasil

A música da terra

Posfácio

*Canto circunstancial,*

SÉRGIO ALCIDES

Leituras recomendadas

Cronologia

Caderno de imagens

Crédito das imagens

Índice de títulos e primeiros versos

**DISCURSO DE PRIMAVERA  
E ALGUMAS SOMBRAS**

## NOTÍCIAS DO BRASIL



## ÁGUAS E MÁGOAS DO RIO SÃO FRANCISCO

Está secando o velho Chico.  
Está mirrando, está morrendo.

Já não quer saber de lanchas-ônibus,  
nem de chatas e seus empurradores.  
Cansou-se de gaiolas  
e literatura encomiástica  
e mostra o leito pobre,  
as pedras, as areias desoladas  
onde nenhum caboclo-d'água,  
nenhum minhocão ou cachorrinha-d'água,  
cativados a nacos de fumo forte,  
restam para semente  
de contos fabulosos e assustados.

Ei, velho Chico,  
deixas teus barqueiros e barranqueiros na pior?  
Recusas pegar frete em Pirapora  
e ir levando pro Norte as alegrias?  
Negas teus surubins, teus mitos e dourados,  
teus postais alucinantes de crepúsculo  
à gula dos turistas?  
Ou é apenas  
seca de junho-julho para descanso  
e volta mais barrenta na explosão  
da chuva gorda?

Já te estranham, meu Chico. Desta vez,  
encolheste demais. O cemitério  
de barcos encalhados se desdobra  
na lama que deixaste. O fio d'água  
(ou lágrimas?) escorre  
entre carcaças novas: é brinquedo  
de curumins, os únicos navios

que aceitas transportar com desenfado.  
Mulheres quebram pedra  
no pátio ressequido  
que foi teu leito e esboça teu fantasma.

Não escutas, ó Chico, as rezas músicas  
dos fiéis que em procissão imploram chuva?  
São amigos que te querem,  
companheiros que carecem  
de teu deslizar sem pressa  
(tão suave que corrias,  
embora tão artioso  
que muitas vezes tiravas  
a terra de um lado e a punhas  
mais adiante, de moleque).  
É gente que vai murchando  
em frente à lavoura morta  
e ao esqueleto do gado,  
por entre portos de lenha  
e comercinhos decrépitos;  
a dura gente sofrida  
que carregas (carregavas),  
no teu lombo de água turva,  
mas afinal água santa,  
meu rio, amigo roteiro  
de Pirapora a Juazeiro.  
Responde, Chico, responde!

Não vem resposta de Chico,  
e vai sumindo seu rastro  
como o rastro da viola  
se esgarça no vão do vento.  
E na secura da terra  
e no barro que ele deixa  
onde Martius viu seu reino,  
na carranca dos remeiros  
(memória de outras carrancas  
há muito peças de *living*),  
nas tortas margens que o homem  
não soube retificar  
(não soube ou não quis? paciência),

nos pilares sem serviço  
de pontes sobre o vazio,  
na negra ausência de verde,  
no sacrifício das árvores  
cortadas, carbonizadas,  
no azul, que virou fumaça,  
nas araras capturadas  
que não mandam mais seus guinchos  
à paisagem de seca  
(onde o tapete de finas  
gramíneas, dos viajantes antigos?),  
no chão deserto, na fome  
dos subnutridos nus,  
não colho qualquer resposta,  
nada fala, nada conta  
das tristuras e renúncias,  
dos desencantos, dos males,  
das ofensas, das rapinas  
que no giro de três séculos  
fazem secar e morrer  
a flor de água de um rio.

## NUM PLANETA ENFERMO

*A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua  
se tuas águas estão podres de fêl  
e majestade falsa?*

MÁRIO DE ANDRADE  
*(Meditação sobre o Tietê)*

Cai neve em Parnaíba,  
noiva branca.  
Vem dos lados de Pirapora do Bom Jesus.  
Presente de Deus, com certeza,  
a seus filhos que jamais viram Europa.  
Ou talvez cortesia do Prefeito?

Moleques, brinquem na neve pura e rara.  
Garotas, não tenham cerimônia.  
Cai neve em Parnaíba, é promoção.  
O senhor que é tabelião, o dr. promotor  
por que não vão fazer bonecos dessa neve  
especial, que reacende  
o espírito infantil?

Correm todos a ver a neve santa,  
a alvorejar em sua alvura.  
Olha a rua vestida de sonho,  
olha o jardim envolto em toalha de nuvens,  
olha nossas tristezas lavadas, enxaguadas!  
O professor chega perto e não se encanta.  
Esse cheiro... diz ele. Realmente,  
quem pode com esse cheiro nauseante?

A neve foi malfeita, não se faz

neve como em filmes e gravuras.  
E me dói a cabeça, diz alguém.  
E a minha também, e o mal-estar  
me invade o corpo. Desculpem se vomito  
à vista de pessoas tão distintas.

Envenenada morre a flor-de-outubro  
no canteiro onde o branco  
deixa uma escura marca de gordura.  
Marcadas ficarão  
as casas coloniais da Praça da Matriz  
tombadas pelo IPHAN?  
A pele dos rostos mais limpinhos  
— ai Rita, ai Mariazinha —  
cheira a óleo queimado.

Estranha neve:  
espuma, espuma apenas  
que o vento espalha, bolha em baile no ar,  
vinda do Tietê alvoroçado  
ao abrir de comportas,  
espuma de dodecilbenzeno irreduzível,  
emergindo das águas profanadas  
do rio-bandeirante, hoje rio-despejo  
de mil imundícies do progresso.

Pesadelo? Sinal dos tempos?  
Jeito novo de punir cidades, pois a Bíblia  
esgotou os castigos de água e fogo?  
Entre flocos de espuma detergente  
vão se findar os dias lentamente  
de pecadores e não pecadores,  
se pecado é viver entre rios sem peixe  
e chaminés sem filtro e monstros multinacionais,  
onde quer que a valia  
valha mais do que a vida?

Minha Santana pobre de Parnaíba,  
meu dorido Bom Jesus de Pirapora,  
meu infecto Anhambi de glória morta,  
fostes os chamados

não para anunciar uma outra luz do dia,  
mas o branco sinistro, o negro branco,  
o branco sepultura do que é cor, perfume  
e graça de viver, enquanto vida  
ou memória de vida se consente  
neste planeta enfermo.

## KREEN-AKARORE

Gigante que recusas  
encarar-me nos olhos,  
apertar minha mão  
temendo que ela seja  
uma faca, um veneno,  
uma tocha de incêndio;  
gigante que me foges,  
légua depois de légua,  
e se deixo os sinais  
de minha simpatia,  
os destróis: tens razão.  
Malgrado meu desejo  
de declarar-te irmão  
e contigo fruir  
alegrias fraternas,  
só tenho para dar-te  
em turvo condomínio  
o pesadelo urbano  
de ferros e de fúrias  
em contínuo combate  
na esperança de paz  
— uma paz que se esconde  
e se furta e se apaga  
medusada de medo,  
como tu, akarore,  
na espessura da mata  
ou no espelho sem fala  
das águas do Jarina.

## AS ARCAS E OS BAÚS

Não canto

as armas e os barões assinalados.

Canto

as arcas e os baús de Minas Gerais

já sem ouro e diamantes,

sem escrituras de terras e escravos,

sem belbutinas, veludos,

chamalotes,

rendas.

Canto

as arcas e os baús despojados

de turvos segredos familiares,

mas guardando ainda e sempre

um não sei quê de eterno,

a respiração discreta, o silêncio,

a vida recolhida

dos mineiros do Setecentos,

que Iara Tupinambá, o lindo nome,

veio mostrar na Galeria Chica da Silva

recriando com flores? criando

o tempo-e-alma em forma de objeto.



## TRISTE HORIZONTE

Por que não vais a Belo Horizonte? a saudade cicia  
e continua, branda: Volta lá.

Tudo é belo e cantante na coleção de perfumes  
das avenidas que levam ao amor,  
nos espelhos de luz e penumbra onde se projetam  
os puros jogos de viver.

Anda! Volta lá, volta já.

E eu respondo, carrancudo: Não.

Não voltarei para ver o que não merece ser visto,  
o que merece ser esquecido, se revogado não pode ser.

Não o passado cor-de-cores fantásticas,

Belo Horizonte sorrindo púbere núbil sensual sem malícia,

lugar de ler os clássicos e amar as artes novas,

lugar muito especial pela graça do clima

e pelo gosto, que não tem preço,

de falar mal do Governo no lendário Bar do Ponto.

Cidade aberta aos estudantes do mundo inteiro, inclusive Alagoas,

“maravilha de milhares de brilhos vidrilhos”

mariodeandrademente celebrada.

Não, Mário, Belo Horizonte não era uma tolice como as outras.

Era uma provinciana saudável, de carnes leves pesseguíneas.

Era um remanso muito manso

para fugir às partes agitadas do Brasil,

sorrindo do Rio de Janeiro e de São Paulo: tão prafrentex, as duas!

e nós lá: macio-amesendados

na calma e na verde brisa irônica...

Esquecer, quero esquecer é a brutal Belo Horizonte  
que se empavona sobre o corpo crucificado da primeira.

Quero não saber da traição de seus santos.

Eles a protegiam, agora protegem-se a si mesmos.

São José, no centro mesmo da cidade,

explora estacionamento de automóveis.

São José dendroclasta não deixa de pé sequer um pé de pau

onde amarrar o burrinho numa parada no caminho do Egito.  
São José vai entrar feio no comércio de imóveis,  
vendendo seus jardins reservados a Deus.  
São Pedro instala supermercado.  
Nossa Senhora das Dores,  
amizade da gente na Floresta,  
(vi crescer sua igreja à sombra do Padre Artur)  
abre caderneta de poupança,  
lojas de acessórios para carros  
papeleria, aviário, pães de queijo.  
Terão endoidecido esses meus santos  
e a dolorida mãe de Deus?  
Ou foi em nome deles que pastores  
deixam de pastorear para faturar?  
Não escutam a voz de Jeremias  
(e é o Senhor que fala por sua boca de vergasta):  
“Eu vos introduzi numa terra fértil,  
e depois de lá entrardes a profanastes.  
Ai dos pastores que perdem e despedaçam  
o rebanho da minha pastagem!  
Eis que os visitarei para castigar a esperteza de seus desígnios.”

Fujo  
da ignóbil visão de tendas obstruindo as alamedas do Senhor.  
Tento fugir da própria cidade, reconfortar-me  
em seu austero píncaro serrano.  
De lá verei uma longínqua, purificada Belo Horizonte  
sem escutar o rumor dos negócios abafando a litania dos fiéis.  
Lá o imenso azul desenha ainda as mensagens  
de esperança nos homens pacificados — os doces mineiros  
que teimam em existir no caos e no tráfico.  
Em vão tento a escalada.  
Cassetetes e revólveres me barram  
a subida que era alegria dominical de minha gente.  
Proibido escalar. Proibido sentir  
o ar de liberdade destes cimos,  
proibido viver a selvagem intimidade destas pedras  
que se vão desfazendo em forma de dinheiro.  
Esta serra tem dono. Não mais a natureza  
a governa. Desfaz-se, com o minério,  
uma antiga aliança, um rito da cidade.

*Desiste ou leva bala.* Encurralados todos,  
a Serra do Curral, os moradores  
cá embaixo. Jeremias me avisa:  
“Foi assolada toda a serra; de improviso  
derrubaram minhas tendas, abateram meus pavilhões.  
Vi os montes, e eis que tremiam.  
E todos os outeiros estremeciam.  
Olhei para a terra, e eis que estava vazia,  
sem nada nada nada.”

Sossega, minha saudade. Não me cicies outra vez  
o impróprio convite.  
Não quero mais, não quero ver-te,  
meu Triste Horizonte e destroçado amor.

## RECEITUÁRIO SORTIDO

Calma.

É preciso ter calma no Brasil

calmina

calmariam

calmogen

calmovita.

Que negócio é esse de ansiedade?

Não quero ver ninguém ansioso.

O cordão dos ansiosos enfrentemos:

ansipan!

ansiotex!

ansiex ansiax ansiolax

ansiopax, amigos!

Serenidade, amor, serenidade.

Dissolve-se a seresta no sereno?

Fecha os olhos: serenium,

serenex..

Dói muito o teu dodói de alma?

Em seda e sedativo te protejas.

Sedax, meu coração,

sedolin

sedotex

sedomepril.

Meu bem, relaxe por favor.

Relaxan

relaxatíl.

Batem, batem à porta? Relax-pan.

Estás tenso, meu velho?

Tenso de alta tensão, intensa, túrbida?

Atenção: tensoben  
tensocron  
tensocrin  
tensik  
tensoplisin.

Anda, cai no sono,  
amigo, olha o sonix.  
Como soa o sonil  
sonipan sonotal  
sonoasil  
sonobel sonopax!

E fique aí tranquilo tranquilinho  
bem tranquil  
tranquilid  
tranquilase  
tranquilan  
tranquilin  
tranquix tranquix  
tranquimax  
tranquisan  
e mesmo tranxilene!

Estás *píssico*, talvez  
de tanto desencucarem tua cuca?  
Estás perplexo?  
Não ouves o pipilar: psicoplex?  
psicodin  
psiquim  
psicobiome  
psicolatil?  
Não sentes adejar: psicopax?

Então morre, amizade. Morre presto,  
morre já, morre urgente,  
antes que em drágea cápsula ampola flaconete  
proves letalex  
mortalin  
obituaran

homicidil  
thanatex thanatil  
thanatipum!

JORNAL DE SERVIÇO  
(LEITURA EM DIAGONAL DAS “PÁGINAS AMARELAS”)

I

Máquinas de lavar  
máquinas de lixar  
máquinas de furar  
máquinas de curvar  
máquinas de dobrar  
máquinas de engarrafar  
máquinas de empacotar  
máquinas de ensacar  
máquinas de assar  
máquinas de faturamento

II

champanha por atacado  
artigos orientais  
institutos de beleza  
metais preciosos  
peleterias  
salões para banquetes e festas  
condimentos e molhos  
botões a varejo  
roupas de aluguel  
tântalo

III

panelas de pressão  
rolos compressores  
sistemas de segurança  
vigilância noturna  
vigilância industrial  
interruptores de circuito  
iscas

encanadores  
alambrados  
supressão de ruídos

#### IV

doenças da pele  
doenças do sangue  
doenças do sexo  
doenças vasculares  
doenças das senhoras  
doenças tropicais  
câncer  
doenças da velhice  
empresas funerárias  
coletores de resíduos

#### V

papéis transparentes  
vidro fosco  
gelatina copiativa  
cursinhos  
amortecedores  
resfriamento de ar  
retificadores elétricos  
tesouras mecânicas  
ar comprimido  
cupim

#### VI

mourões para cerca  
mudança de pianos  
relógios de igreja  
borboletas de passagem  
cata-ventos



cintas abdominais  
produtos de porco  
peles cruas  
peixes ornamentais  
decalcomania

## VII

peritos em exames de documentos  
peritos em imposto de renda  
preparação de papéis de casamento  
representantes de papel e papelão  
detetives particulares  
tira-manchas  
limpa-fossas  
fogos de artifício  
sucos especiais  
ioga

## VIII

anéis de carvão  
anéis de formatura  
purpurina  
cogumelos  
extinção de pelos  
presentes por atacado  
lantejoulas  
sereias  
*souvenirs*  
soda cáustica

## IX

retificação de eixos  
varreduras mecânicas  
expurgo de ambientes  
revólver para pintura

pintores a pistola  
cimento armado  
guinchos  
intérpretes  
refugos  
sebo

## ATAÍDE À VENDA?

— Quanto quer pelo Ataíde?  
fala ao padre lazarista  
o emissário paulista  
de olhar guloso na “Ceia”  
que na aguda serra  
ilumina qual candeia  
as ruínas do Caraça.  
Dou duzentos, dou quinhentos,  
oitocentos mil cruzeiros  
por esse quadro... — Não, não!  
— Já que estou com a mão na massa,  
reforço meus *argumentos*,  
ofereço-lhe um milhão.  
Pintura aqui nesses altos,  
na friúra desolada  
destas rocas, destes longes,  
não tem sentido nem vez.  
Só peregrinos e monges  
podem *curti-la*. Melhor  
é levá-la quanto antes  
para o conforto envolvente  
do Palácio Bandeirantes.  
— Já disse: não. — Ah, desculpe,  
prefere que se desfaça  
a obra de Mestre Manuel  
no desgaste que lhe inflige  
o dente roaz do Tempo  
em sua faina cruel?  
Quer ver Cristo desbotado,  
carcomido, atomizado,  
mancha pálida no pano?  
Seus bem-amados discípulos,  
sua mesa, seu pão ázimo,  
sua colação simbólica,

sua postura litúrgica,  
e sua mensagem mística,  
sumindo, pasto de traça,  
de cupim e de pobreza,  
neste sem-fim do Caraça?  
— Deus é grande... — Deus ajuda  
a quem, esperto, madruga.  
E daí, meu padre, atente  
que milagre brasileiro  
anda bastante vasqueiro.  
Pegue logo esse dinheiro  
e com ele faça obras,  
obras, obras e mais obras  
que a casa do Irmão Lourenço  
está pedindo, e que, feitas,  
serão atrativo imenso  
à multidão de turistas.  
Bote piscina, *playground*,  
cassino — um “Monte Cassino”,  
bote som sofisticado  
com Raquel Welch e quejandas  
bailando pelas varandas!  
— Jamais... — Jamais? Que pecado,  
recusar a minha oferta!  
Eis que outro sacerdote,  
de mansinho e de oiça alerta,  
já sonhando com um caixote  
só de notas de quinhentos  
abarrotando a arca murcha  
da magra comunidade,  
puxa o primo pela manga,  
sussurra-lhe: — É bom negócio.  
Deus decerto não se zanga,  
se vige a necessidade.  
Os dois discutem: — Não, não.  
— Ora essa, meu irmão.  
Vai-se a pintura, mas fica  
a nossa vida segura.  
Já se criam dois partidos  
entre os padres pressionados  
e já novos compradores

em enxames voadores  
e propostas tentadoras  
ferem o doce silêncio  
em que, à tarde, ressoa  
a melodia dos poemas  
de Henriqueta Lisboa  
sobre a vívida montanha.  
Vende, não vende. Vendemos?  
Que vale ter Ataíde  
e não ter teto e parede?  
Ser um sacrário de arte,  
a mais pura arte mineira,  
orgulho do nosso Estado  
e da alma brasileira,  
sem ter como restaurar  
a velha casa de ensino  
onde ensinamos a amar  
as criações do passado?  
Debatem os lazaristas  
o grave dilema, enquanto  
Manuel da Costa Ataíde  
e sua tela, suprema  
esperança de resgate  
da indigência caracense,  
viram tema de comércio.  
Corre, corre, Aureliano,  
vai, Conselho de Cultura,  
depressa, Assembleia, vai,  
salva os padres agoniados  
da prontidão que os achaca,  
e salvando-os, preservando-os  
da mercantil ameaça,  
salva a arte, salva a glória,  
salva o máximo tesouro,  
a riqueza que não passa:  
Cristo-Ceia do Caraça!

## UM BESOURO EM TODA PARTE

Besourinho escuro  
de casco bronzeado,  
por que vens de longe  
pousar neste muro?

Novas africanas  
trazes para mim?  
Cifrada mensagem,  
no ar, de Idi Amim?

Contas sofrimento,  
cantas liberdade,  
luta sempre acesa  
ou turvo lamento?

Superfícies alvas,  
focos de calor  
te fascinam, tonto,  
seja como for?

Mas quedas inerte  
em minha vidraça.  
Nem moves as patas.  
Isso te diverte?

Vir de tão remotos  
céus para ficar  
abobado, alheio  
à festa solar?

Turista aprendiz  
e desinformado,  
o vernal dezembro  
não te faz feliz?

Já pelas favelas  
um rio de som  
desliza e deságua  
por sobre o Ano Bom.

Este seu caudal  
cria vibração,  
e de samba e voz  
faz-se carnaval.

Não voas, não bailas  
na geral ciranda?  
Preferes a sesta  
em minha varanda?

A parar começa  
os teus movimentos  
qual se gasolina  
te fugisse às peças?

Caíste em letargo  
pensando talvez  
que é vão todo esforço  
neste, em qualquer mês?

A tantas perguntas  
nada me respondes.  
Desdenhas, calado,  
todas elas juntas.

O doutor ao lado  
esclarece então:  
“O inseto é quietinho,  
mas de muita ação.”

Quem o vê tranquilo  
não sabe o poder  
que ele manifesta  
em voraz estilo.

No imobilismo  
em que se comporta,  
organiza o plano  
de comer a horta.

Não corre, não pula,  
mas na hora exata  
ferra no jardim  
o dente da gula.

Numa noite apenas,  
o verdor perece,  
já no chão vencido  
a vagem fenece.

Adeus, lavourinha,  
adeus, meu sustento.  
Que me livre o céu  
da praga daninha.

São dez, não quarenta,  
são mil a pastar,  
em silêncio e força,  
quanto se plantar.

Só inseticida,  
do bravo, e a Feema,  
conjugados, podem  
ganhar a partida.

Mas cuidado: o mal  
é maior ainda  
se com esse expurgo  
nossa vida finda.

Poluição? Inseto?  
Por que risco optar?  
Hesito, e um bichinho  
vejo lá no teto.

Vejo-o nas cortinas,



vejo-o nas paredes.  
Vê-o meu vizinho  
na sua Mercedes.

Na blusa do broto  
e na sua tanga,  
joia, dependura-se  
o inseto maroto.

No austero papel  
da burocracia,  
no prato de arroz,  
ele passa o dia.

Na vida da gente,  
parado ou roendo,  
o escuro bichinho  
reina, indiferente.

## OS MERCADOS

## A CASA DE HELENA

Russa translúcida de sorriso tímido  
(assim a contemplo na retrovisão da lembrança),  
Helena 1929 enfrenta os poderes burocráticos.  
Suavemente,  
instaura em Minas o seu sonho-reflexão.

Moças normalistas rodeiam Helena.  
Traz um sinal novo para gente nova.  
Ensina  
a ver diferente a criança,  
a descobrir na criança  
uma luz recoberta por cinzas e costumes,  
e nas mais carentes e solitárias revela  
o princípio de vida ansioso de sol.

Helena é talvez uma fada eslava  
que estudou psicologia  
para não fazer encantamentos; só para viajar  
o território da infância e ir mapeando  
suas ilhas, cavernas, florestas labirínticas,  
de onde, na escuridão, desfere o pássaro  
— surpresa —  
melodia jamais ouvida antes.

Helena reúne  
os que não se conformam com a vida estagnada  
e os mandamentos da educação de mármore.  
Leva com eles para o campo  
uma ideia-sentimento  
que faz liga com as árvores  
as águas  
os ventos  
os animais  
o espaço ilimitado de esperança.

Fazenda do Rosário: a fazendeira  
alma de Minas se renova  
em graça e amor, sem juro,  
amor ciente de seus fins  
de liberdade e criação.

E essa pastora magra, quase um sopro,  
uma folha talvez (ou uma centelha  
que não se apaga nunca?) vai pensando  
outras formas de abrir, no chão pedrento,  
o caminho de paz para o futuro.

Helena sonha o mundo de amanhã,  
recuado sempre, mas factível  
e em mínimas sementes concentrado:  
estes garotos pensativos,  
esse outro ali, inquieto, a modelar  
engenharias espaciais com mão canhota,  
aquele mais além, que se revolta  
procurando a si mesmo, e não se encontra  
no quadro bitolado dos contentes.  
Viajantes sem pouso  
no albergue corriqueiro,  
Helena os chama e diz: Vou ajudá-los.

Não presidente, não ministro,  
aos 80 anos dirige um mundo-em-ser.  
A casa de Helena é a casa de daqui a 20 anos,  
de daqui a 50, ao incontável.  
Casa pousada em nós, em nosso sangue.  
Podemos torná-la real: o risco de Helena  
fica estampado na consciência.  
E quando Helena 1974 se cala  
na aparência mortal,  
seu risco viçoso e alegre e delicado perdura,  
lição de Helena Antipoff mineira universal.

## PEDRO NAVA A PARTIR DO NOME

Nava

campo raso planície intermontana  
onde os Nava plantaram seu brasão  
Ponti di Nava  
Nava del Rey  
de chocolate e vinho incandescentes  
Navas de Oviedo  
manando água sulfúrea sob o olhar  
de romanos de pés dominadores  
Navas de Tolosa  
onde os reis de Navarra, de Castela e de Aragão  
dobraram para sempre  
a cerviz dos almóadas  
Navarino enseada helênica  
de que partem os bélicos navarcos  
em naves agressivas

Navarre

colégio douto modelando  
o menino Bossuet, o garoto Richelieu  
navajos  
confinando a glória antiga nas reservas  
de papel passado e desprezado pelos brancos  
e nos filmes ferozes de Hollywood  
Navarrete  
(Domingo Hernandez) obstinado  
teólogo debatedor de ritos chineses  
Nava  
navio sulcando europas maranhões  
cearás alencarinos  
cruzando mares de serras e cerrados  
até chegar à angra tranquila  
de Juiz de Fora  
onde a 5 de julho de 1903

desembarca o infante Pedro Nava.

Nava

o novo sentido da palavra  
agora poesia  
de distintas maneiras naviexpressa  
em verso múltiplo, eis salta do verbo  
para navianimar membros rígidos inertes  
de gente sofredora  
e reacender-lhes o ritmo do gesto  
no baile de viver.

Versa depois outro caminho e cria  
na superfície névea as formas coloridas  
do objeto pictórico  
assim como quem não quer, mas tão sabido  
que a arte o denuncia em toda parte,  
e regressando ao porto de partida  
navioceanigráfico navega  
a descobrir tesouros submersos insuspeitados  
no mais fundo da língua portuguesa.

Nava navipoeta

naviprosista  
que a névoa do tempo descerrando  
exibe ao nosso pasmo  
as navetas de prata da memória  
onde em linhas de nuvem se condensam  
os externos e internos movimentos  
do corpo brasileiro repartido  
em dãs, em escrituras, em sussurros  
de alcova, que, navissutil,  
Nava recolhe e grava:  
sensível retrato do Brasil  
pulsando em navicizna do passado.

Nava

fugindo n'alva dos setent'anos.

## EM LOUVOR DE MESTRE AIRES

Ó Aires dos ares bons,  
Aires da mata  
da linguagem  
e do machado que não mata,  
mas desbasta e aparelha  
a fina palavra diamantina,  
palavra certa,  
que uma abraçada a outra vai formando  
festa floral, floresta  
de bem escrever  
(ou bem pensar),  
Aires faiscador  
das últimas pedras musicais do Tijuco,  
Aires dicionário  
sem empáfia, sem ares, maneiro  
mineiro ladino  
que soubeste ver no Tiradentes  
o único herói possível  
— herói humano —  
e na fala do povo,  
no mistério dos ritos,  
no arco-íris das serras  
captaste  
o ar, a alma de Minas,  
ó Aires  
da verde mata  
do machado de prata portuguesa  
legítima  
onde se oculta um brilhante  
com todos os fogos tranquilos  
da sabedoria,  
mestre Aires, recebe meus saudaes.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT  
10 ANOS DEPOIS

Veleja o poeta em mar desconhecido?  
Bebe de novo em invisível fonte?  
Schmidt inquieto, nunca adormecido,  
brinca talvez na linha do horizonte.



## PERDA

Os peões, os seringueiros, os pescadores de surubim,  
os canoieiros, as baianas do acarajé,  
os ervateiros do Sul, os carreiros paraibanos,  
as rendeiras sentadas, cachimbando e tecendo,  
o vendedor aquático de açai, os índios,  
a gente que trabalha nos mundos do Brasil,  
os bois de Mato Grosso, os cavalos do pampa,  
os jacarés esculpido n'água de Marajó  
e  
as vitórias-régias, os carnaubais,  
os a perder de vista canaviais que o vento acaricia,  
as plantas, as pedras, as paisagens  
e  
os pertences da casa, as roupas de couro, os arreios,  
o viver geral e humilde,  
a terra brasileira em seus infinitos  
matizes e vivências,  
tudo ficou triste, sem ruído:  
morreu Percy Lau, que desenhava o Brasil.

## MURILO MENDES HOJE/AMANHÃ

O poeta elabora sua personagem,  
nela passa a viver como em casa natal.  
E não é a casa natal?

Faz a caiação da personagem,  
cobre-a de azul celeste e púrpura de escândalo,  
adorna-a de talha de ouro e asas barrocas,  
burila-a, murila-a  
(alfaiate de Deus talhando para si mesmo),  
viaja com ela pelo universo.

O poeta cavalga o mito em pelo  
— é o verso dele que informa.  
Dirige-se com rédeas cristalinas  
de razão mineira — incendiada? —  
mas sempre vigente.  
O caos toma sentido  
visto da janela cosmorâmica  
onde ele se debruça  
para dentro para fora para o alto  
para o fundo  
para a organização do delírio  
em código de poesia.

Criador manipulador participante  
do espetáculo  
ele próprio é o espetáculo em seus belos dias  
de confidente de Mozart,  
ouvindo de olhos fechados, e impondo silêncio,  
o que só em silêncio desabrocha,  
para sair depois, com o guarda-chuva do Quixote,  
em guerra contra a burguesia e seus moinhos  
literoprovinciais.  
Peregrino europeu de Juiz de Fora,

telemissor de murilogramas e grafitos,  
instaura na palavra o seu império.

*(A palavra nasce-me  
fere-me  
mata-me  
coisa-me  
ressuscita-me)*

Torre corcunda de Pisa ou de Babel  
de gritos, de visões, de enigmas rutilantes  
afinal subjugados à sentença  
de um mural espanhol:  
Deus trágico;  
de uma fonte romana:  
Deus pagão;  
do sentimento plástico de Deus  
refratado na invenção de seus secretários-artistas.

O ponto de vista anedótico,  
a história sarcástica do Brasil,  
Jandiras e Clotildes cariocas,  
tudo desaparece em névoa de terceiro plano  
para revelar o poeta  
e sua depurada personagem  
em completa realidade.

Ei-lo declarando, pelo verbo de Ungaretti:  
*Non sarai un antenato  
per non avere avuto figli.  
Sarai sempre futuro per i poeti.*

Não só por isso. Por ter sido futuro, entre passados  
e estagnados:  
futuro intensamente, poeta  
a nascer amanhã, sempre amanhã.

A LÚCIO CARDOSO  
(NA CASA DE SAÚDE)

Entre visitas que perguntam,  
no corredor, por tua vida  
de artista recolhido à noite  
sensorial, entre os amigos  
que se inclinam preocupados  
sobre a cisterna e não distinguem  
teu reflexo brilhar no fundo,  
entre os mais próximos e diletos  
— não estou eu, porém de longe  
mais perto me sinto e decifro  
melhor teu perfil na sombra,  
e perfil não só: tudo mais  
que deu sentido a teu chamado  
à rua dos homens: palavras  
tramadas em papel, soando  
em palco, problemas falantes,  
movediços em preto e branco,  
projeção em tela ou parede,  
em cor quase som, mensagens  
da mais subterrânea estação,  
espectrais retratos do ser  
para além de radiografias,  
e um hálito de amor pedindo  
espaços claros, praias de ouro  
que se vão modelando em sonho  
acordado, escrito, pintado.  
Respiras, falas, comunicas-te  
à revelia do corpo enfermo,  
em tudo que é sinal. Contemplo  
tua vida primeira e plena  
a circular, transfigurada,  
ó criador, entre vazios  
sótãos de casa assassinada.

## TRAÇOS DO POETA

Dantas Mota, profeta, e voz de rio  
no curso do Oriente ou de Aiuruoca,  
mineiramente amarga e transparente  
para quem sabe ouvir, e que provoca

a poesia, onde quer que ela, pulsando,  
seja signo de amor ou de protesto,  
Dantas Mota, raiz de fundo alcance,  
milho de ouro em paiol, bíblica festa

de fraterno sentir e revelar  
as doídas verdades esquecidas,  
as candeias, os lumes abafados,

o soluço travado na garganta  
e o mais que se presente, mas oculta-se  
nos subúrbios longínquos da esperança.

## LEMBRANÇA DE PORTINARI

O universo de Portinari,  
se às vezes dói, sempre fulgura:  
entrelaça, como num verso,  
o que é humano ao que é pintura.

## A FALTA DE ERICO VERISSIMO

Falta alguma coisa no Brasil  
depois da noite de sexta-feira.  
Falta aquele homem no escritório  
a tirar da máquina elétrica  
o destino dos seres,  
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom  
caminhando entre adultos  
na esperança da justiça  
que tarda — como tarda!  
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,  
aquela ternura contida, óleo  
a derramar-se lentamente.  
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.

## FRUTUOSO VIANA

Era pequeno, era elegante, era discreto.  
Não fez barulho na travessia terrestre.  
Deixou apenas  
um rastro de música apuradíssima.



## ALAGADOS DA BAHIA

Casebres à flor d'água  
balançam  
no silêncio  
o sonho de viver  
o sonho de morrer.

Jenner Augusto sobre a água  
sob o céu violeta  
sob o céu de chumbo  
lê o horóscopo das criaturas  
que nos alagados  
morrem sem viver.

## A UM CONTEMPORÂNEO

### I — O SÁBIO SORRISO

Alceu e Tristão: o nome  
e o pseudônimo ensinam  
uma unidade de alma  
na unidade do amor.

Pois é o amor unidade  
multiplicada, e a vida  
quando se recolhe aos livros  
é para voltar mais vida.

Em 50 anos de letras  
uma flor desenha as pétalas  
de amoroso convívio:  
o homem livre e ligado.

Livre e ligado a seu próximo  
na larga avenida humana  
em que beleza e justiça  
fazem da espera esperança.

Tristão e Alceu: a mesma  
fiel cristalinidade:  
uma criança sorrindo  
no sábio à sombra de Deus.

### II — ALCEU NA SAFIRA DOS OITENT'ANOS

E chega o momento de olhar para o amigo  
devagar, bem nos olhos  
e sorrir para ele, sem dizer  
nenhum desses vanilóquios de todo dia.  
Dizemos alguma coisa para a fonte?  
Alguma coisa para o ar?

Chega o momento de sentir  
o amigo em estado de natureza,  
e toda a limpidez  
e toda a transparência  
da alma se projeta  
no que parece um vulto e é uma essência.

Alceu da Casa Azul do Cosme Velho,  
onde ricocheteavam as “balas de Floriano”  
na Revolta da Armada  
sem que a paz do jardim se anuviasse.  
Alceu menino penetrando  
a mina profunda e sinuosa do morro  
como depois penetraria as almas  
ansiosas de verdade,  
essa alguma verdade pelo menos  
que nossos dedos tentam alcançar  
entre liquens, lagartos, seixos-navalha.  
“Sou um terrível  
(guardo tua palavra de há 40 anos)  
pesquisador de almas.  
Amo as almas como o avarento  
ama suas moedas.  
Ainda não cheguei à caridade  
de amá-las por amor, só por amor,  
amo-as por avidez do mistério,  
insatisfação do que já sei,  
do que já vi e desfolhei.”

A mina desemboca  
no ponto matinal  
em que a luz espadana  
sobre a frente e o dorso da vida.  
Alceu, chegaste às cores da manhã  
no alto do Corcovado  
sobre a cidade dos homens confusos,  
sobre as suas rixas e descaminhos,  
suas angústias disfarçadas em dança e tóxico,  
suas esperanças machucadas,  
suas frustrações latejantes na mudez,  
a cidade geral — o mundo é uma cidade,

uma aldeia global, a casa em crise.

Na claridade que te envolve  
és cada vez menos uma pessoa,  
estátua bordada, professor  
supostamente aposentado,  
com CPF, cartão do IFP,  
domiciliado entre palmeiras.  
És cada vez, cada vez mais  
o pensamento aberto  
à comunicação dos seres pelo amor  
que exclui injustiça e as formas todas  
de inumano tornar o ser humano.

Alceu, fiel ao nome  
do cantor de Mitilene que à alegria  
juntava o amor à liberdade,  
e ensinas a maravilhosa devoção  
do homem a seu destino criador,  
sem as peias do medo e as farpas do ódio.  
Alceu, amigo de fitar nos olhos  
como se fita na árvore antiga  
o primeiro verdor de sombra e sumo.

Alceu jovial e forte  
— força de testemunhar, e proclamar  
o que filtrado foi na consciência,  
Alceu fraterno e puro, na safira  
dos oitenta anos,  
na graça  
da vida plena,  
que é doação e luta e paz no coração.

## UMA FLOR PARA DI CAVALCANTI

Esta é uma flor para Di,  
uma flor em forma di-  
ferente: de flor-mulher,  
desabrochada onde quer  
que exista amor e verão.  
Verão como a cor cinti-  
la nas curvas, e sorri  
nesse púrpuro arrebol  
que Di tirou do seu Ri-  
o coado de mel e sol.  
Uma flor-pintura, zi-  
nindo o canto de amor  
que acompanhou toda a vi-  
da o pincel, o gozo-dor  
de criar e de sentir, di-  
-vina e tão sensual razão  
que coube, na Terra, a Di.

## MANUEL BANDEIRA FAZ NOVENT'ANOS

Oi, poeta!

Do lado de lá, na moita, hem?, fazendo seus novent'anos...  
E se rindo, eu aposto, dessa bobagem de contar tempo,  
de colar números na veste inconsútil do tempo, o inumerável,  
o vazio-repleto, o infinito onde seres e coisas  
nascem, renascem, embaralham-se, trocam-se,  
com intervalos de sono maior, a que, sem precisão científica, chamamos de  
morte.

Mas bem que gostavas de fazer anos, lembras-te?  
de tirar retrato, de beijar moçoilas flóreas, de rir  
um riso que filtrava todas as salsugens da experiência e do desencanto,  
e não era ácido, era indulgente/infantil, era sumo da suma:  
como pesa a alma, como é leve o corpo,  
mesmo visitado de mortais micróbios!

Sempre respeitei teus silêncios-pigarro  
e seus corredores frios.  
Parava diante da campainha  
sem saber: toco?  
surpreendo?  
pergunto, de gravador?  
Hoje me sobe o desejo  
de saber o que fazes, como,  
onde:  
em que verbo te exprimes, se há verbo?  
em que forma de poesia, se há poesia,  
versejas?  
em que amor te agasalhas, se há amor?  
em que deus te instalas, se há deus?

Que lado, poeta, é o lado de lá,  
não me dirás, em confiança?  
Como passas as manhãs,  
a cor qual é de teu dia,

como anoiteces? (Perdoa  
falar-te em termos horários,  
sobre a extradimensão sem relógios.  
Vezo terrestre.) Sorris.  
Sorriso-tosse,  
com reticências. Desisto.

É aqui, neste agora, no teu livro  
que te encontro:  
Manuel, profundamente,  
poeta de vastas solidões  
desabrochadas em curta, embaladora  
(como esquecê-la?) surdinada canção.

Manuel canção de câmara, Manuel  
canção de quarto e beco,  
ritmo de cama e boca  
de homem e mulher colados no arrepio  
do eterno transitório: traduziste  
para nós a tristeza de possuir e de lembrar,  
a de não possuir e de lembrar,  
a de passar,  
mescla do que foi, do que seria,  
simultaneamente projetados  
na mesma tela branca de episódios  
— em nós, vaga, soprada cinza,  
em ti, o sopro intenso de poesia.

Isto nos deste, verso a verso,  
e só depois o soubemos claramente,  
na leitura da luz da vida inteira.  
Foste nosso poeta, doaste som  
de piano e violão e flauta ao sentimento  
esparso, convulsivo, dos amantes,  
dos doentes, dos fracos, dos meninos,  
dos sozinhos, na praça ou sanatório:  
Manuel-muitos-irmãos no gesto seco.

Novent'anos, será? ou és menino  
também e para sempre  
agora que viveste a dor da vida

e sorris no mais longe Pernambuco?



## FOLHEANDO *DISEGNI*, DE KANTOR

Kantor:

o desenho torna-se modo de possuir as coisas  
o desenho torna-se modo de absorver a coisa  
o desenho torna-se modo de viver a coisa  
o desenho torna-se modo de oferecer a coisa  
em sua realidade não circunstancial.

Kantor:

a palavra torna-se a última projeção do desenho  
a palavra transporta o desenho para o sentimento do desenho  
a palavra incorpora-se ao desenho  
a coisa o desenho a palavra  
fundem-se em generosa radiação.

Kantor:

invade o país dos signos e deles faz sua mansão.

## A ABGAR RENAULT

A contagem de tempo  
do poeta  
não é a do relógio  
nem a da folhinha.  
É amadurecer de poemas  
a envolvê-lo e tirar-lhe  
toda marca de tempo  
de folhinha  
e relógio  
e a situá-lo  
na franja além do tempo  
onde paira o sentido  
a razão última das coisas  
imersas de poesia.

A LOURDES E CASSIANO RICARDO

No jardim cassiano  
a florida acácia  
de casa vestida  
    translúcida  
luz de lourdes lua  
    luaramar

EXERCITIA, DE JOSÉ GERALDO  
NOGUEIRA MOUTINHO

A procura do número  
na lição de Agostinho  
e o encontro da poesia  
no Oriente deserto  
(*sans ennui*)  
na escala de Alcavala  
na maçã de Cézanne  
— flecha em voo andorinho —  
tudo revela a arte,  
o engenho, a fina parte  
da lucidez no sonho  
de Nogueira Moutinho.

— Olha. *O nariz do morto!* — que nariz  
e que morto? Que piada mais sem graça  
é esta? — Não, senhor. É o Vilaça  
(Antônio Carlos) com seu livro duro  
e triste, machucante — almofariz  
em que mói a si próprio e se destrói,  
para ressuscitar ainda à procura  
de seu rumo, indefesa criatura  
solta ao vento da vida. Quer a paz?  
Quer a guerra interior, ou foge dela?  
Entre cacos de vida, Sigismundo,  
numa doçura mista de amargor,  
de letras e leituras faz seu mundo.  
Há de salvá-lo não a fé; talvez  
o raio impressentido de um amor.

## A PAISAGEM NO LIMITE

Este mundo não existente  
existe, sim, hoje fundado  
por Maria Teresa Vieira:  
uma proposta de alegria,  
de comunhão em cores altas,  
de vida atenta à vibração  
de cristalinos sinos mágicos.  
Suas paisagens são províncias  
esperando nossa visita:  
florescentes longe do tédio,  
da violência e do desamor,  
no limite pairam do sonho,  
onde novo real se inaugura  
no coração mesmo da cor.

## VISÃO DE CLARICE LISPECTOR

Clarice  
veio de um mistério, partiu para outro.

Ficamos sem saber a essência do mistério.  
Ou o mistério não era essencial,  
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,  
onde a palavra parece encontrar  
sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice  
viveu por nós em forma de história  
em forma de sonho de história  
em forma de sonho de sonho de história  
(no meio havia uma barata  
ou um anjo?)  
não sabemos repetir nem inventar.  
São coisas, são joias particulares de Clarice  
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,  
carteira de identidade, retrato.  
De Chirico a pintou? Pois sim.  
O mais puro retrato de Clarice  
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem  
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,  
tentativas de Clarice sair de Clarice  
para ser igual a nós todos  
em cortesia, cuidados, providências.  
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.  
Dentro dela

o que havia de salões, escadarias,  
tetos fosforescentes, longas estepes,  
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,  
formava um país, o país onde Clarice  
vivia, só e ardente, construindo fábulas.

Não podíamos reter Clarice em nosso chão  
salpicado de compromissos. Os papéis,  
os cumprimentos falavam em agora,  
edições, possíveis coquetéis  
à beira do abismo.

Levitando acima do abismo Clarice riscava  
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.

Fascinava-nos, apenas.

Deixamos para compreendê-la mais tarde.

Mais tarde, um dia... saberemos amar Clarice.



## UM LÍRIO, POR ACASO

E de repente Santa Teresinha  
— quem diria? — faz 100 anos.  
Ela que tem sempre 24  
nas estampas dos *gay twenties*.

Santa do modernismo brasileiro,  
do altar particular de Ribeiro Couto,  
a quem curaste de tuberculose,  
a tuberculose de que morreste,  
santa invocada por Manuel Bandeira:  
“Santa Teresa, não, Teresinha.  
Teresinha do Menino Jesus.  
Me dá alegria!”  
Não o atendeste, amiga Teresinha...

O poeta se queixava:  
“Fiz tantos versos a Teresinha...  
Versos tão tristes nunca se viu!  
Pedi-lhe coisas. O que eu pedia  
era tão pouco! Não era glória...  
Nem era amores... Nem foi dinheiro...  
Pedia apenas mais alegria:  
Santa Teresa nunca me ouviu!”

A ti nada pedi, mas simpatizava  
com teu jeito simples de ser santa  
do nosso tempo de incredulidade,  
tempo de ciências exatas, Marx, anarquismo.  
(Os ateus brasileiros levam sempre um santinho no bolso,  
nossos comunas quando morrem, a família reza missa  
de sétimo dia e de trigésimo.)  
Simpatizava, simpatizava contigo  
lendo tua autobiografia na tradução do padre Lochu  
antes que me expulsassem do colégio

com a aprovação do próprio tradutor.

Naquele tempo  
as autobiografias dos santos eram censuradas  
e eu não sabia que foste  
carmelitanamente precursora  
do feminismo:  
“Ah, pobres mulheres, tão desprezadas!  
A todo instante nos proibem:  
Não faça isto, não faça aquilo,  
e ameaçam excomungar-nos...”  
Suave santa brasileira  
por graça do diminutivo  
que te fazia baiana, carioca, uberabense  
(quem ousou um dia falar Santa Isabelinha, Santa Margaridinha?),  
muito mais próxima de nós, em Lisieux,  
do que a filha de Capistrano clausurada  
ali no Morro,  
e tão novinha  
que dava oportunidade de dizer  
a um senhor de 60 anos, na Avenida:  
“Esta santa, mais moça do que eu...”  
Então podemos todos ser santos?  
Os santos não são apenas medievais,  
predestinadíssimos, raríssimos,  
para realçar ainda mais  
nossa impossibilidade de pureza  
ou para resgatá-la?

Veza ou outra eu ruminava essas coisas  
enquanto ia chafurdando e esquecendo  
a nostalgia de ter tido  
o desejo, não digo de ser santo,  
mas apenas o franciscano encapuzado  
que assiste ao enterro do Conde de Orgaz  
junto de Santo Agostinho e Santo Estêvão  
na tela fantástica do Greco,  
ou um dos pescadores no políptico de São Vicente,  
de Nuno Gonçalves ou Hugo van der Goes, que sei eu,  
aquele pescador quase de bruços  
no painel da esquerda.

Já nem sei, minha santa,  
qual o teu papel na Igreja contestante  
de setenta,  
és talvez, tão bonita, tão menina,  
frágil demais para o serviço que se exige  
do novo Cristo combatente,  
mas a doçura não é arma também,  
a seu tempo e seu modo, no combate?

Reparo agora,  
já não és menina, és centenária,  
ou assim te conta o tempo a vida breve,  
e tenho de chamar-te vovozinha,  
vovozinha Teresa do Carmelo,  
de mel no nome e de ternura acesa  
no coração de um distraído agnóstico,  
ao abrir o jornal e nele ver  
três linhas com teu nome,  
entre os nomes de Hanói e de Manágua,  
como um lírio nascido por acaso.

JOAN CRAWFORD: *IN MEMORIAM*

No firmamento apagado  
não luciluzem mais estrelas de cinema.  
Greta Garbo  
passeia incógnita a solidão de sua solitude.  
Marlene Dietrich  
quebrou a perna mítica de valquíria.  
Joan Crawford,  
produtora de refrigerantes, o coração a matou.  
O cinema é uma fábula de antigamente  
(ontem passou a ser antigamente)  
contada por arqueólogos de sonho, em estilo didático,  
a jovens ouvintes que pensam em outra coisa.  
O nome perdura. Também é outra coisa.  
Tudo é outra coisa, depois que envelhecemos.  
E não há mais deusas e deuses. Há figurinhas  
móveis, falantes, coloridas, projetadas  
no interior da casa. Não saem nunca mais,  
enquanto se esvazia o céu da Grécia  
dentro de nós — azul já negro, ou neutra-cor.  
Joan, não beberei por ti, à guisa de luto,  
nenhum líquido fácil e moderno.  
Sorvo tua lembrança  
a lentos goles.

## POSTAL PARA CATHERINE

Paris pede postais  
para Catherine.  
Rápido, que a menina  
espera no hospital.  
Comprem no jornaleiro da esquina  
lagoas e corcovados  
escrevam do outro lado  
um beijo  
mandem para Catherine  
à morte no hospital.  
Ela quer ver o mundo  
pintado de outra cor  
não branco de parede  
o branco desolado  
sem qualquer imagem.  
Telefonem para Minas  
peçam postais de serras  
pairando no fim do azul,  
de estalactites, vacas  
pastando sonho na campina.  
Pinheiros-do-paraná saúdem  
verticalmente Catherine.  
A flor mais triunfal  
aberta em bandeja sobre a água  
siga do Norte para Catherine.  
Coqueiral do Nordeste,  
rumo a Paris onde a garota  
viaja imóvel  
vendo passar a Terra  
plastificada em postal.  
Canoa de Búzios  
alpendre missioneiro do Rio Grande  
talha de ouro da Bahia  
procissões de navegantes

frevos, rodas de samba  
gostacor do Brasil  
ao natural  
saltos, corredeiras  
correi de avião para perto  
da cama numerada de Catherine  
a que vai morrer e olha  
para longe do número  
o espetáculo em flor  
da vida no postal.  
(O postal seleciona  
o que vale ser visto  
pela que diz adeus  
à vida no geral.  
Nada de imagem rude  
em clichê de jornal  
mostrando em branco e preto  
o que já se adivinha  
no quadrado do quarto  
de hospital.)  
Catherine morrendo  
leva consigo a antologia  
de sítios amoráveis  
ilhas de prazer  
e verduras felizes  
(o capricho de Deus)  
entre festas ingênuas  
que celebram a vida  
e a graça de viver  
(o capricho do homem).  
Empresa dos Correios,  
não atrase a remessa  
da chuva de postais  
à menina, que o prazo  
que a leucemia abriu  
aos olhos esperantes  
é um prazo fatal.  
... A Cacilda aqui perto  
de nós e sem olhar  
que fale de um desejo,  
sem voz que nos devolva

as suas trinta vidas  
de trinta personagens  
no quarto angustiado  
à espera de Godot  
à espera da esperança,  
que daremos senão  
amor amor em pânico  
se ela não pede nada?

## A VOZ

O Brasil tem muitas Aparecidas.  
Tem Aparecida de Goiânia e de Goiás.  
Tem Aparecida de Minas e do Oeste, no Paraná.  
Tem Aparecida do Tabuado, em Mato Grosso,  
e tantas outras, onde quer que a fé provoque aparições.  
Tem sobretudo Aparecida de São Paulo,  
onde uma santa apareceu nas águas do rio  
e era uma santa negra do barro e do limo das profundezas do rio.  
Pescadores a trouxeram, um altar a recolheu.  
E há mais de dois séculos Nossa Senhora da Conceição  
distribui milagres entre os humildes e os poderosos,  
igualmente necessitados de milagre.

Maria d'Aparecida, não vieste das águas do rio.  
Vieste de mais longe,  
de um mais profundo abismo de raça e de sonho.  
Tua voz caminheira  
nos conta do que paira além da ciência dos Conservatórios  
e do tratamento operístico da vida.  
É uma voz que vem das entranhas do vento e dos coqueirais,  
do sigilo dos minérios e das formações vulcânicas do amor.  
Terrestre. Telúrica. Mulher.  
Tua voz, d'Aparecida, é aparição  
fulgurante, sensitiva, dramática  
e vem do fundo nigroluminoso de nossos corações  
e vai, e volta, e vai.  
Maria d'Aparecida do Brasil,  
aparecedoramente cantaril.



## A AFONSO ARINOS, SETENTÃO

Afonso, que brincadeira!  
Ontem, no Colégio Arnaldo,  
garotinho irresponsável;  
hoje, em teus setenta anos,  
verbete de enciclopédia...

E que bonito verbete,  
que página além da página,  
esse teu sulco profundo  
na história silenciosa  
de nossa gente (a outra história,  
feita de noites-vigília  
no escritório-oficina  
de soluções e de rumos  
para o instante desvairado).

Renitente praticante  
de ofícios entrelaçados:  
o de servidor de ideias  
e o de servidor do povo,  
o povo que, desconfio,  
mal pode saber ainda  
o que por ele tu fazes  
armado só de palavra,  
entre leis estraçalhadas,  
esperanças malogradas  
e sinais de mundo novo  
rogando decifração.

Afonso, o da claridade  
de pensamento, o de espírito  
preocupado em riscar  
passarelas de convívio  
por entre irmãos divididos

e malquerenças rochosas  
no território confuso:  
Afonso, que bela vida  
a vida nem sempre aberta  
às sonatas da vitória!

Ser derrotado quem sabe  
se é raiz amargosa  
de triunfo intemporal?  
O tempo, esse boiadeiro  
de botas lentas e longas,  
vai pisando na estrumeira  
do curral, vai caminhando,  
vai dando voltas na estrada,  
alheio a cupins e onças,  
pulando cercas de farpa,  
vadeando rios espessos  
até chegar ao planalto,  
ao maralto, ao alto-lá  
onde tudo se ilumina  
ao julgamento da História.

Afonso, meu combatente  
do direito e da justiça,  
nosso exato professor  
do direito mais precário  
(o tal constitucional),  
Afonso, *galantuomo*  
que tens duas namoradas:  
Anáh, de sempre, e essa outra  
exigentíssima dama  
que chamamos Liberdade,  
Afonso, que vi xingado  
de fascista e de outros nomes  
que só a burrice inventa,  
quando por sinal voltavas  
de torva delegacia  
aonde foste interceder  
em momentos noturnais  
pelos que iam xingar-te...

Mas o pico de viver  
está justamente nisto  
que bem soubeste ensinar-nos  
combinar ternura e *humour*,  
amenidade, puerícia  
nos intervalos de luta.  
E não disseste que doido  
no fundo é todo mineiro  
sob a neutra vestimenta  
da mais sensata aparência?  
Não disse Ribeiro Couto,  
em breve arrufo amical,  
que ouviu do Dr. Afrânio:  
“Esse menino é maluco”?

Maluco, salve, o maluco,  
o poeta mariliano,  
o mirone de Ouro Preto,  
cantor da barra do dia,  
revelador do passado  
em sua íntima verdade,  
renovador de caminhos  
de nossas letras e artes,  
derrubador de odiosas  
linhas de cor e prejuízo  
(irmãos de pele diversa  
já podem sentar-se à mesa  
nacional, a teu chamado),  
criador de nova atitude  
do País perante os grandes,  
humano e humanista Afonso,  
salve, maluco!, te amamos.

## SÃO SEBASTIÃO E PECADORES DO RIO DE JANEIRO

## RETRATO DE UMA CIDADE

### I

Tem nome de rio esta cidade  
onde brincam os rios de esconder.  
Cidade feita de montanha  
em casamento indissolúvel  
com o mar.

Aqui  
amanhece como em qualquer parte do mundo,  
mas vibra o sentimento  
de que as coisas se amaram durante a noite.

As coisas se amaram. E despertam  
mais jovens, com apetite de viver  
os jogos de luz na espuma,  
o topázio do sol na folhagem,  
a irisação da hora  
na areia desdobrada até o limite do olhar.

Formas adolescentes ou maduras  
recortam-se em escultura de água borrifada.  
Um riso claro, que vem de antes da Grécia  
(vem do instinto)  
coroa a sarabanda à beira-mar.  
Repara, repara neste corpo  
que é flor no ato de florir  
entre barraca e prancha de *surf*,  
luxuosamente flor, gratuitamente flor  
ofertada à vista de quem passa  
no ato de ver e não colher.

### II

Eis que um frenesi ganha este povo,  
risca o asfalto da avenida, fere o ar.  
O Rio torna forma de sambista.  
É puro carnaval, loucura mansa,  
a reboar no canto de mil bocas,  
de dez mil, de trinta mil, de cem mil bocas,  
no ritual de entrega a um deus amigo,  
deus veloz que passa e deixa  
rastro de música no espaço  
para o resto do ano.

E não se esgota o impulso da cidade  
na festa colorida. Outra festa se estende  
por todo o corpo ardente dos subúrbios  
até o mármore e o *fumé*  
de sofisticados, burgueses edifícios:  
uma paixão:

    a bola

        o drible

            o chute

                o gol

no estádio-templo que celebra  
os nervosos ofícios anuais  
do Campeonato.

Cristo, uma estátua? Uma presença,  
do alto, não dos astros,  
mas do Corcovado, bem mais perto  
da humana contingência,  
preside ao viver geral, sem muito esforço,  
pois é lei carioca  
(ou destino carioca, tanto faz)  
misturar tristeza, amor e som,  
trabalho, piada, loteria  
na mesma concha do momento  
que é preciso lamber até a última  
gota de mel e nervos, plenamente.

A sensualidade esvoaçante,  
em caminhos de sombra e ao dia claro  
de colinas e angras,

no ar tropical infunde a essência  
de redondas volúpias repartidas.  
Em torno de mulher  
o sistema de gestos e de vozes  
vai-se tecendo. E vai-se definindo  
a alma do Rio: vê mulher em tudo.  
Na curva dos jardins, no talhe esbelto  
do coqueiro, na torre circular,  
no perfil do morro e no fluir da água,  
mulher mulher mulher mulher mulher.

### III

Cada cidade tem sua linguagem  
nas dobras da linguagem transparente.  
Pula  
do cofre da gíria uma riqueza,  
do Rio apenas, de mais nenhum Brasil.  
Diamantes-minuto, palavras  
cintilam por toda parte, num relâmpago,  
e se apagam. Morre na rua a ondulação  
do signo irônico.  
Já outros vêm saltando em profusão.  
Este Rio...  
Este fingir que nada é sério, nada, nada,  
e no fundo guardar o religioso  
terror, sacro fervor  
que vai de Ogum e Iemanjá ao Menino Jesus de Praga,  
e no altar barroco ou no terreiro  
consagra a mesma vela acesa,  
a mesma rosa branca, a mesma palma  
à Divindade longe.

Este Rio peralta!  
Rio dengoso, erótico, fraterno,  
aberto ao mundo, laranja  
de cinquenta sabores diferentes  
(alguns amargos, por que não?),  
laranja toda em chama, sumarenta  
de amor.

Repara, repara nas nuvens; vão desatando  
bandeiras de púrpura e violeta  
sobre os montes e o mar.  
Anoitece no Rio. A noite é luz sonhando.



## ELEGIA CARIOCA

Nesta cidade vivo há 40 anos  
há 40 anos vivo esta cidade  
a cidade me vive há 40 anos

Sou testemunha  
cúmplice  
objeto  
triturado confuso agradecido nostálgico  
Onde está, que fugiu, minha Avenida Rio Branco  
espacial verdolenga baunilhada  
eterna como éramos eternos  
entre duas guerras próximas?  
O Café Belas Artes onde está?  
E as francesas do bar do Palace Hotel  
e os olhos de vermute que as despiam  
no crepúsculo ouro-lilás de 34?

Estou rico de passarelas e vivências  
túneis nos morros e cá dentro multiplicam-se  
rumo a barras-além-da-tijuca imperscrutáveis  
Sou todo uma engenharia em movimento  
já não tenho pernas: motor  
ligado pifado recalitrante  
projeto  
algarismo sigla perfuração  
na cidade código

Onde estão Rodrigo, Aníbal e Manuel,  
Otávio, Eneida, Candinho, em que Galeão  
Gastão espera o jato da Amazônia?  
Marco encontros que não se realizam  
na abolida José Olympio de Ouvidor  
Ficou, é certo, a espelharia da Colombo  
mas tenho que tomar café em pé

e só Ary preserva os ritos  
da descuidada prosa companheira  
Padeiros entregam a domicílio  
o pão quentinho da alegria  
o bonde leva amizades motorneiras  
as casas de morar deixam-se morar  
sem ambição de um dia se tornarem  
*tours d'ivoire* entre barracos sórdidos  
o rádio espalha no ar Carmem Miranda  
a Câmara discursa  
os maiôs revelam 50%  
mas prometem bonificações sucessivas  
O Brasil será redimido pelo socialismo utópico  
Getúlio sorri, baforando o charutão.  
Rio diverso múltiplo  
desordenado sob tantos planos  
ordenadores desfigurados geniais  
ferido nas encostas  
poluído nas fontes e nas ondas  
Rio onde viver é uma promissória sempre renovada  
e o sol da praia paga nossas dívidas  
de classe média  
enquanto multidões penduradas nos trens elétricos  
desfilam interminavelmente  
na indistinção entre vida e morte  
futebol e carnaval e vão caindo  
pelo leito da estrada os morituros

Ser um contigo, ó cidade,  
é prêmio ou pena? Já nem sei  
se te pranteio ou te agradeço  
por este jantar de luz que me ofereces  
e a ácida sobremesa de problemas  
que comigo repartes  
no incessante fazer-te, desfazer-se  
que um Rio novo molda a cada instante  
e a cada instante mata  
um Rio amantiamado há 40 anos.

## ALEGRIA, ENTRE CINZAS

Manhã de quarta-feira.

Santa Luzia e São José chamam as cinzas  
em suas igrejas libertas de carnaval.

“Quando jejuardes

— naquele tempo disse Jesus a seus discípulos —  
não vos entristeçais como os hipócritas...”

Por isso, das cinzas ainda quentes  
do carnaval levantam-se os carnavalescos  
e voltam ao trivial pressaboreando  
a festa do ano próximo — alaúza!

Milhares e milhares e milhares  
de passistas sambistas bateristas,  
servidores de um rei que pula e não castiga,  
tiram a pestana suficiente  
para emendar a festa com o batente.  
Pequeno Luís Rei de França do Salgueiro  
despe a magnificência, pede a bênção  
ao pai, bombeiro hidráulico, na oficina.  
Meio-dia.

Clóvis Bornay bate o ponto no Museu.  
Volta ao circo o elefante imperial  
que transportava Dona Santa do Maracatu.  
Volta o Municipal amarfanhado  
ao seu silêncio de ópera sem partitura.  
Volta a grama a crescer, ou custa um pouco  
nos jardins massacrados? Por milagre  
voltam os galhos verdes decepados,  
para junto dos troncos, ou não mais  
estes oitis serão como eram antes?

Que mortes vegetais o grão desfile  
foi lavrando no corpo da cidade?  
Que atropelos, atrasos, prejuízos

dançaram de ciranda-confusão,  
para que açafatas e marqueses  
surrealistas de uma noite  
deslumbrassem turistas-privilégio  
em arquibancadas equipadas  
com sanitários *fiberglass*  
que em lugar nenhum outro aos joões-brandões  
atendem no momento de aflição?

Cinzas,  
pó de penitência. Será mesmo?  
penitência de quê — do não brincado  
ou de folgança programada  
a que falta a cedilha do espontâneo?  
Dói a cabeça, a dor circula  
o corpo inteiro, doendo em parafuso,  
em *looping*, xadrez, diagonal.  
Mas a última célula da memória  
registra ainda o ranger de babilônias  
em rouco marulhar de som e selva:  
cataratas humanas de Iguaçu,  
pavões, califas de Bagdá e Realengo  
desfilam entre rainhas gaditanas  
com torres de marfim no cocuruto,  
pescadores portam jacarés  
personalizados como cheques,  
homens de Neandertal voltam à origem  
e, emergindo do mar de plástico e sarrafos,  
Iemanjá Dandalunda Janaína  
crioula cor de prata  
rabeia com tiques de sereia  
perto do cartorial Palácio da Justiça.  
Ou foi tudo pesadelo  
de três-quatro noites mal *curtidas*?

Cinza, cinza redentora  
de todos os pecados contra o gosto  
cometidos e a cometer em nome da alegria  
(essa senhora tão ausente  
dos programas alegres).  
Ainda de *pareôs*, *sarongs*, camisetas

suados de pular, hoje caídos  
no chão cinza do quarto  
ressonam meus irmãos.

Que bocejo de festa cansadeira  
no bustiê de lenço drapejado.  
Lamê enlameado na sarjeta.

*Strass.*

*Stress.*

Liza Minelli passou entre passistas?

Frank Sinatra não veio, como sempre.

O mundo-melhor de Pixinguinha  
e o mundo-melhor dos utopistas  
dissolvem-se na mesma inconclusão.

De qualquer modo, irmãos, amigos meus,  
ouçamos a palavra que em Mateus  
(VI-16) está gravada:

“Não vos entristeçais como os hipócritas...”

Há sempre uma promessa de alegria.

## CAPÍTULOS DE HISTÓRIA COLONIAL

## BRANCA DIAS

Branca Dias  
paixão de frade  
em seu engenho  
da Paraíba  
repele o amor  
pecaminoso.  
O amor se vinga:  
é acusada  
de judaísmo.  
Já vão prendê-la.  
Atira joias  
e prataria  
na correnteza.  
A água vira  
Riacho da Prata.  
Morre queimada  
no santo lume  
da Inquisição  
em Portugal.  
Reaparece  
na Paraíba  
em Pernambuco  
sob o luar  
toda de branco  
sandálias brancas  
cinto azul-ouro.  
Branca Dias  
— garantem livros —  
nunca existiu,  
é lenda pura  
de lua cheia.  
E a Inquisição  
provavelmente  
outra ilusão.

## GOVERNADOR EM VIAGEM

Do Rio a Vila Rica  
passando por São Paulo  
são léguas de infinito,  
contrabando e onça,  
carrapato, carrapicho,  
inseguro pousar  
na ventania dos ranchos.

Governador vai governando  
a cavalo, que remédio?  
Vai ouvindo, nomeando,  
prendendo  
se é caso de prender,  
e recolhendo medidas,  
mas na hora de comer,  
mas na hora de dormir,  
de que lhe vale a patente?

Antes fosse para a Índia.  
O sofrido espinhaço,  
os dolentes intestinos  
reclamam da jornada.  
A escuridão sem tapetes  
é bem naquele lugar  
onde Judas perde as botas.

Ei, amigo, que me ofertas?  
Chão de terra, sim, senhor.  
E de boca?  
Saberá Vossa Importância  
que em minha trempe cozinho  
a metade de um macaco  
e umas poucas formigonas.



— A que sabem teus petiscos?  
— Macaco, a caça mais fina  
que pula neste fundão,  
e bumbum de tanajura,  
dês que cozido a preceito,  
não há manteiga de Flandres  
que em gosto se lhe compare.  
Quer provar?

(Bravo Conde, pobre Conde  
de Assumar,  
já começa a vomitar.)

## INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Tem dois escravos Padre Toledo:

José Mina, que toca trompa,

Antônio Angola, rabeção.

O padre mete-se no rocambole  
da insurreição.

A Real Justiça levanta o braço  
da repressão.

Engaiola o padre na fortaleza  
de São Julião.

Confisca os músicos, confisca a trompa  
e o rabeção.

Música-gente, crioula música  
duas vezes  
na escravidão.

## FALA DE CHICO-REI

Rei,  
duas vezes, Rei, Rei para sempre,  
Rei africano, rei em Vila Rica,  
Rei de meu povo exilado e de sua esperança,  
Rei eu sou, e este reino em meu sangue se inscreve.  
Arranquei-o do fundo da mina da Encardideira,  
partícula por partícula, sofrimento por sofrimento,  
com paciência, com astúcia, com determinação.  
Era um Reino que ansiava por seu Rei.  
Tinha a cor do Sol faiscando depois de sombria navegação,  
a cor de ouro da liberdade.  
Hoje formamos uma só Realeza, uma só Realidade  
neste alto suave de colina mineira.  
Aqui edifiquei a minha, a nossa Igreja  
e coloquei-a nas mãos da virgem etíope,  
nossa princesa santa e sábia: Efigênia,  
sob as bênçãos da rainha Celeste do Rosário.  
Meus súditos me são fiéis até o sacrifício,  
por lei de fraternidade, não de medo ou tirania.  
São livres e alegres depois de tanta amargura.  
A alegria de meu povo explode  
em charamelas, trombetas e gaitas,  
rouqueiras de estrondo e júbilo,  
canções e danças pelas ruas.  
A alegria de meu povo esparrama-se  
no trabalho, no sonho, na celebração  
dos mistérios de Deus e das lutas do Homem.  
Nossa pátria já não está longe nem perdida.  
Nossa pátria está em nós, em solo novo e antiga certeza.  
Amanhã, quem sabe? os tempos outra vez serão funestos,  
nossa força cairá em cinza enxovalhada.  
(Sou o Rei, e o destino da minha gente  
habita, renunciador, o meu destino.)  
Mas este momento é prenda nossa e renascerá

de nossos ossos como de si mesmo.

Em liberdade, justiça e paz,

num futuro que a vista não alcança,

homens de todo horizonte e raça extrairão de outra mina mais funda e inesgotável

o ouro eterno, gratuito, da vida.

ASSIM VAI (?) O MUNDO

## ULTRATELEX A FRANCISCO

Francisco, bom dia no seu dia!  
O dia de sua morte... Quem falou?  
Imagino um afresco de Giotto:  
Aves riscam os *quatro ventos* do céu,  
formam cruzes de plumas. Entre elas,  
sobe o poeta a conversar com os anjos.  
Ninguém repara em suas mãos transparentes  
o signo de cinco cravos sangrentos.  
Cruzes e cravos que amor transmuda  
em alegria superior a sofrimento.  
Não é morte. É dia pleno.

Oi, Francisco, perito em alegrias especiais!  
A maior: não possuir nada de nada.  
Nem mesmo o burel castanho: é para rasgar e distribuir.  
Nem mesmo o corpo: reservado  
aos estigmas da divina predileção.

Francisco operário madrugador na construção de igrejas  
(não de edifícios de renda, longe disso):  
tantas coisas para lhe contar, daqui de baixo.  
Mas você não cansou, em sete séculos e meio,  
de ouvir a eterna queixa, o monocórdio estribilho  
de nossa falta de humildade cortesia ternura nudez?

Veja por exemplo os bichos. (Só a eles me refiro  
porque não falam por si.) Arvorei-me em secretário  
do mico-estrela, da tartaruga, da baleia,  
de todos, todos. Dos mais espetaculares aos mínimos,  
tão míseros.  
De irmãos você os chamava. Repare: aterrorizados,  
fogem de nós, com muita razão e longos medos.  
De um e outro, isolados,  
gostamos. Coisa nossa, brinquedo. É gosto sem gostar,

feito de posse-domínio.  
Veja as infinitas coleções  
de animais que padecem em todos os chãos e águas da Terra  
e não podem dizer que padecem, e por isso padecem duas vezes,  
sem o suporte da santidade.

Pior, Francisco: o padecimento deles  
é de responsabilidade nossa — humana? desumana.  
Pois nós os torturamos e matamos  
por hábito de torturar e de matar  
e de tornar a fazê-lo, esporte  
com halalis, campeonatos, medalhas, manchetes,  
ouro pingando sangue.

Repiso estas coisas meio encabulado.  
Tão velhas!  
Tão novas sempre, secamente.  
Técnicas letais varejam o fundo do mar  
e o velho tiro, a velha lâmina  
estão sempre caçando o irmão-bicho.

Lembrar que terrível penúria de amor  
lavra nos corações convertidos em box  
de supermercado de crueldades?  
E penúria logo de amor,  
essa matéria-prima, essa veste inconsútil de sua vida, Francisco?

Calo-me, santinho nosso,  
mas antes faço-lhe um apelo:  
providencie urgente sua volta ao mundo  
no mesmo lugar, em lugar qualquer,  
principalmente onde se comercia a santa esperança dos homens,  
para ver se dá jeito,  
jeito simples, franciscano, jeito descalço  
de consertar tudo isso. Os bichos,  
por este secretário, lhe agradecem.

## MAL DO SÉCULO

Como se não bastasse o mundo de tristezas  
entre céu e terra,  
principalmente em terra,  
vem o agrônomo, descobre  
o vírus da tristeza nas laranjeiras.



## ANTIBUCÓLICA 1972

— Até a clorofila?...

— Sim, senhor:

até a clorofila entra na fila  
dos poluidores. Diz-nos um doutor  
de Illinois que, em matéria de monóxido  
de carbono, a graminha é uma parada.

Aparemo-la então, que em disparada  
a relva, no jardim ou em depósito  
no quarto de dormir (sei lá) é o mesmo  
que automóvel queimando gasolina.

— A sina, pois, do mundo, é sem remédio?  
Se da fumaça escapo, e rodo a esmo  
pelos parques cisneiros da cidade,  
trato de preparar meu epicídio,  
pois o verde de amigo fez-se inimigo  
e me leva, com toda a falsidade,  
para o último hotel, vulgo jazigo.

Nó mais, verde, nó mais, que a língua tenho  
(Camões que me perdoe, com seu engenho)  
acidulada e a voz enrouquecida.  
Já tusso, já sufoco, já me vejo  
na horizontal postura inarredável  
só de papar um mísero legume  
ou de alecrim cheirar meigo perfume  
que esconde no seu seio algo terrível.

Ah, natureza má que me enganavas,  
fingindo-te benigna: vai às favas  
e que as favas te sejam bem letais,  
que de árvores, arbustos, tenras folhas,

tudo isso que polui, não quero mais  
saber. Não são usinas gigantescas,  
bombas, resíduos mil, restos largados  
à flor das águas em sinistras bolhas  
que corrompem a vida que vivemos.  
É a grama, o capim, leve, ondulante,  
forma que o vento curva a seu talante,  
e que, ao perecer, nos envenena  
o ar, despreendendo o tóxico tremendo.  
É grama, é folha, é rama, ó Tom, é planta,  
são as flores de março... mas que pena.

Bonito, vegetais; é isso aí?  
Em vez de fotossíntese, vocês  
fotossujeira operam na atmosfera?  
Já era a pura estampa virgiliana  
*sub tegmine fagi* (leia-se: oiti),  
nos braços de Amarilis ou de Inês?  
Emudece a canção, flauta de cana,  
e foge, pastor meu, dos verdes campos,  
previne os bois, avisa os pirilampos,  
que a coisa não está de brincadeira.

A poluição, sabe-se agora, é velha  
mais do que o homem. E não será o homem  
freguês da poluição, em vez de autor?  
Por pessimista, rogo, não me tomem,  
nem quero ser tachado de farsista:  
se tudo é poluição, até na flor,  
no vergel, no quintal, seja o que for,  
tratemos com a máxima presteza  
de redigir político tratado:  
teremos cativado a natureza,  
convindo em que convivam lado a lado  
o homem e a poluição fazendo amor.

## ENTREATO DE PAZ

As partes conflitantes decidiram  
suspender a matança  
e por entre ruínas e cadáveres  
instaurar a esperança.

A morte, agradecida, pisca o olho:  
— “Era um trabalho louco  
ceifar de ponta a ponta essa Indochina...”  
Vai descansar um pouco?

Em vinte e três artigos e parágrafos  
a sorte se resolve,  
mas quem morreu sem culpa e sem aviso  
esse nunca mais volve.

Neuróticos, descrentes, mutilados  
— firma-se o protocolo —  
volvem, de saldo, os prisioneiros: medra  
medrosa flor, no solo.

Fraca se torna a força mais turuna,  
incapaz a granada  
de repetir efeitos conclusivos:  
recolhe-se empatada.

A guerra não é mais aquela forma  
de consertar o mundo  
ao nosso estilo ou vista filosófica  
ou apetite fundo?

Alguma coisa mais existe, e barra  
a fúria belicista;  
uma coisa sem nome definido,  
poder que não se avista.

E essa coisa ressurgue quando a bomba  
parecia extingui-la  
e ninguém lhe destrói a coice d'armas  
a essência tranquila.

A guerra perde a guerra, e a vida ganha  
direito de viver  
mas amanhã revive a velha história:  
matar para vencer?

Este *round*, viva a vida! nós ganhamos  
contra o poder da morte.  
A paz, de asas feridas, tão mais débil,  
revela-se a mais forte.

Uma lição se colhe de tudo isto,  
ou nenhuma lição:  
alcançará o homem, bicho estranho, ser,  
de si mesmo, irmão?

TODO MUNDO E NINGUÉM  
(AUTO DA LUSITÂNIA, DE GIL VICENTE)

NINGUÉM Tu estás a  
fim de quê?

TODO A fim de  
MUNDO coisas  
buscar  
que não  
consigo  
topar.  
Mas não  
desisto,  
porque

o cara tem  
de teimar.

NINGUÉM Me diz teu  
nome  
primeiro.

TODO Eu me  
MUNDO chamo Todo  
Mundo  
e passo o dia  
e o ano  
inteiro  
correndo  
atrás de

dinheiro,  
seja limpo  
ou seja  
imundo.

BELZEBU Vale a pena  
dar ciência  
e anotar isto  
bem,  
por ser fato  
verdadeiro:  
que  
Ninguém  
tem  
consciência,

e Todo  
Mundo,  
dinheiro.

NINGUÉM E que mais  
procuras,  
hem?

TUDO          Procuro  
MUNDO        poder e  
glória.

NINGUÉM Eu cá não  
vou nessa  
história.



Só quero  
virtude...  
Amém.

BELZEBU Mas o *papai*  
não se ilude  
e traça: Livro  
Segundo.  
Busca o  
poder Todo  
Mundo  
e Ninguém  
busca  
virtude.

NINGUÉM Que desejas  
mais,  
sabido?

TODO Minha ação  
MUNDO elogiada  
em todo e  
qualquer  
sentido.

NINGUÉM Prefiro ser  
repreendido  
quando der  
uma  
*mancada.*

BELZEBU    Aqui deixo  
              por escrito  
              o que  
              querem,  
              lado a lado:  
              Todo  
              Mundo ser  
              louvado  
              e Ninguém  
              levar um  
              pito.

NINGUÉM E que mais,  
              amigo meu?

TUDO Mais a vida.  
MUNDO A vida, olé!

NINGUÉM A vida? Não  
sei o que é.  
A morte,  
conheço eu.

BELZEBU Esta agora é  
muito forte  
e guardo  
para ser lida:  
Todo

Mundo  
busca a vida  
e Ninguém  
conhece a  
morte.

TODO  
MUNDO

Também  
quero o  
Paraíso,  
mas sem ter  
que me  
chatear.

NINGUÉM E eu, suando  
pra pagar

minhas  
faltas de  
juízo!

BELZEBU Para que  
sirva de  
aviso,  
mais uma  
*transa* se  
escreve:  
Todo  
Mundo quer  
Paraíso  
e Ninguém  
paga o que

deve.

TUDO            Eu sou  
MUNDO        *vidrado* em  
                  tapear,  
                  e mentir  
                  nasceu  
                  comigo.

NINGUÉM A verdade eu  
                  sempre digo  
                  sem nunca  
                  chantagear.

BELZEBU Boto  
anúncio na  
cidade,  
  
deste troço  
curioso:  
Todo  
Mundo é  
mentiroso  
e Ninguém  
fala verdade.

NINGUÉM Que mais,  
*bicho?*



TODO            Bajular.  
MUNDO

NINGUÉM    Eu cá não  
                  jogo confete.

BELZEBU    Três mais  
                  quatro igual  
                  a sete.  
  
                  O programa  
                  sai do ar.  
  
                  Lero lero  
                  lero lero,  
  
                  curro paco  
                  paco paco.

Todo  
Mundo é  
*puxa-saco*

e Ninguém  
quer ser  
sincero!

## MICROLIRA

### INFATIGÁVEL

O progresso não recua.  
Já transformou esta rua  
em buraco.

E o progresso continua.  
Vai abrir neste buraco  
outra rua.

Afinal, da nova rua,  
o progresso vai compor  
outro buraco.

### INDAGAÇÃO

Na morta biosfera,  
o fantasma do pássaro  
inquiriu  
ao fantasma da árvore  
(que não lhe respondeu):  
— A Primavera *já era*  
ou ainda não nasceu?

### SUSSURRO

Se não erro  
ao decifrar a voz dos vegetais,  
eis que suspira a muda de pau-ferro  
no silêncio do ser:  
— Eu sei que fui plantada  
com música, discurso e tudo mais,  
para a alguém, no futuro, oferecer  
sem discurso e sem música o prazer  
da derrubada.

## RECOMENDAÇÃO

Neste botânico setembro,  
que pelo menos você plante  
com eufórica  
emoção ecológica  
num pote de plástico  
uma flor de retórica.

## O COMÉRCIO DA PRIVACIDADE

Mas esta é a velha Garbo, seminua  
assim na praia, lamentavelmente?  
Não. O retrato, em que a maldade estua,  
é da alma do fotógrafo, somente.

## A GRANDE MANCHETE

Aproxima-se a hora da manchete:

O PETRÓLEO ACABOU.

Acabaram as alucinações

os crimes, os romances

as guerras do petróleo.

O mundo fica livre

do pesadelo institucionalizado.

Atirados ao lixo

motores de combustão interna

e lataria colorida,

o Museu da Sucata exhibe

o derradeiro carro carrasco.

Tem etiqueta de remorso:

“Cansei a humanidade”.

Ruas voltam a existir

para o homem

e as alegrias de estar junto.

A poluição perdeu

seu aliado fidelíssimo.

A pressa acabou.

Acabou, pessoal! o congestionamento,

o palavrão,

a neurose coletiva.

A morte violenta entre ferragens

com seu véu de óleo

e chamuscas

acabou.

Milhões de árvores meninas irrompem do asfalto

e da consciência

em carnaval de sol.

Dão sombra grátis  
ao *papo* dos amigos,  
à doçura do ócio no intervalo  
do batente,  
do amor antes aprisionado sob o capô  
ou esmigalhado pelas rodas,  
à vida de mil formas naturais.  
Pessoas, animais,  
confraternizam: Milagre!

Dura 5 (?) minutos a festa  
da natureza com a cidade.  
Irrompem  
formas eletrônicas implacáveis,  
engenhos teleguiados catapúlticos  
de máximo poder ofensivo  
e reconquistam o espaço  
em que a vida bailava.

Recomeça o problema de viver  
na cidade-problema?

De que valeu cantar  
o fim da gasolina de alta octanagem?

Enquanto não vem a formidável manchete,  
vamos curtindo  
outras manchetinhas a varejo.  
Vamos curtindo  
a visão do caos e do extermínio  
na rua, na foto,  
no sono atormentado:  
mais 400 carros por dia nas pistas  
que encolhem, encolhem, são apenas  
enfumaçada fita de rangidos.  
Mais loucura, mais palavrão e mais desastre.

E lemos Ralph Nader:  
a cada 10 minutos  
morre uma pessoa em acidente  
de carro; a cada 15 segundos

sai alguém ferido  
na pátria industrial dos automóveis.  
Vamos imitá-la?  
Vamos vencê-la em desafio  
de quem mata mais e morre mais?  
Ou vamos ficar apenas  
engarrafados sem garrafa  
no ar poluído e constelado  
de placas, de sinais  
que assinalam o grande entupimento?

Perguntas estas são mensagem  
também ela espremida na garrafa  
que boia no alto-mar de ondas surdas  
e cegas  
à espera do futuro que as responda.

## MÚSICA DE FUNDO



## A PALAVRA MÁGICA

Certa palavra dorme na sombra  
de um livro raro.

Como desencantá-la?

É a senha da vida  
a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira  
no mundo todo.

Se tarda o encontro, se não a encontro,  
não desanimo,  
procuro sempre.

Procuro sempre, e minha procura  
ficará sendo  
minha palavra.

## O CONSTANTE DIÁLOGO

Há tantos diálogos

Diálogo com o ser amado  
o semelhante  
o diferente  
o indiferente  
o oposto  
o adversário  
o surdo-mudo  
o possesso  
o irracional  
o vegetal  
o mineral  
o inominado

Diálogo consigo mesmo  
com a noite  
os astros  
os mortos  
as ideias  
o sonho  
o passado  
o mais que futuro

Escolhe teu diálogo

e

tua melhor palavra

ou

teu melhor silêncio

Mesmo no silêncio e com o silêncio  
dialogamos.

## SOM

Nem soneto nem sonata  
vou curtir um som  
dissonante dos sonidos  
som  
ressonante de sibildos  
som  
sonotinto de sonalhas  
nem sonoro nem sonouro  
vou curtir um som  
mui sonso, mui insolúvel  
som não sonoterápico  
bem insondável, som  
de raspante derrapante  
rouco reco ronco rato  
som superenrolado  
como se sona hoje em noite  
vou *curtir*, vou *curtir* um som  
ausente de qualquer música  
e rico de *curtição*.

## A CASA DO JORNAL, ANTIGA E NOVA

Rotativa  
do acontecimento.  
Vida fluindo  
pelos cilindros,  
rolando  
em cada bobina,  
rodando  
em cada notícia.  
No branco da página  
explode.  
Todo jornal  
é explosão.

Café matinal  
de fatos  
almoço do mundo  
jantar do caos:  
radiofoto.

Reestruturaram-se os cacos  
do cosmo  
em diagramação  
geométrica.

A cada méson  
de microvida  
contido  
na instantaneidade do segundo,  
a vibração eletrônica  
da palavra-imagem  
compõe  
    decompõe  
    recompõe  
o espelho de viver

para servir  
na bandeja de signos  
a universalidade  
do dia.

A casa da notícia  
com degraus de mármore  
e elevador *belle époque*  
alçada em torre  
e sirena  
chama os homens  
a compartilhar  
o novo  
placar nervoso  
dos telegramas.  
Olha a guerra,  
olha o reide,  
olha o craque da Bolsa,  
olha o crime, olha a *miss*,  
o trespasse do Papa,  
o novo cisne plúmbeo  
do Campo de Santana.

Fato e repórter  
unidos  
re-unidos  
num só corpo de pressa  
transformam-se em papel  
no edifício-máquina  
da maior avenida,  
devolvendo ao tempo  
o testemunho do tempo.

Na superfície impressa  
ficam as pegadas  
da marcha contínua:  
letra recortada  
pela fina lâmina  
do *copydesk*;  
foto falante  
de incrível fotógrafo

(onde colocado:  
na nuvem? na mente  
do Presidente?);  
libertário humor  
da caricatura  
de Raul e Luís  
a — 50 anos depois —  
Lan e Ziraldo.  
Paiol de informação  
repleto, a render-se  
dia e noite  
à fome sem paz  
dos linotipos,  
casa entre terremotos  
óperas, campeonatos  
revoluções  
plantão de farmácias  
dividendos, hidrelétricas  
pequeninos classificados  
de carências urgentes,  
casa de paredes de acontecer  
chão de pesquisa  
teto de detetar  
pátria do telex infatigável  
casa que não dorme  
ouvido afiado atento  
ao murmulho mínimo  
do que vai, do que pode  
quem sabe? acontecer.

Um dia  
a casa ganha nova dimensão  
nova face  
sentimento novo  
diversa de si mesma  
e continuante  
pousa no futuro  
navio  
locomotiva  
jato  
sobre as águas, os caminhos

os projetos  
brasileiros  
usina central de notícias  
cravada na estrela dos rumos

NSLO

em cobertura total  
da vida total:  
conhecimento  
comunicação.

Todo jornal

há de ser explosão  
de amor feito lucidez  
a serviço pacífico  
do ser.

## E ACONTECEU A PRIMAVERA

### I

Que alguém te cante e te descante,  
ficou urgente, Primavera,  
para que ao menos em cantiga,  
neste papel aberto às gentes,  
a flor antiga se restaure.

Te cantarei em Pernambuco,  
onde és cidade, e no Pará,  
onde mulheres plantam malva  
sob o título municipal,  
e em Rondônia cantarei  
a corredeira Primavera,  
pois nesses nomes de lugares  
e num acidente geográfico  
tu pousaste como um pássaro,  
modesto pássaro cinzento  
de asas pretas e cauda preta,  
só a lembrar, no papo branco,  
extintas primaveridades.

Primavera que tanto habitas  
a bráctea rósea da buganvília  
(em que jardins à vista ocultos  
sob a fumaça que é nosso azul  
residual?),  
como habitavas, parnasiana,  
o soneto crônico e clássico  
dos poetas consumidores  
de velhos tópicos europeus,  
é forçoso que alguém celebre  
o ímpeto juvenil da Terra  
mesmo poluída, desossada,  
Terra assim mesmo, seiva nossa.



E te ofereço, Primavera,  
a arvorezinha de brinquedo  
em pátio escolar plantada,  
enquanto lá fora se ensina  
como derrubar, como queimar,  
como secar fontes de vida  
para erigir a nova ordem  
do Homem Artificial.

Ah, Primavera, me desculpa  
se corto em meio uma floresta  
latifoliada, pois tenho pressa  
de correr na estrada de Santos.  
Não te zangues se já não vês  
em teu perene séquito lírico  
aquele sininho-flor, descoberto  
em longes tempos por George Gardner  
e que soava só no Brasil:  
foi preciso (teria sido?)  
matar o verde, substituí-lo  
pela neutra cor uniforme  
que é uniforme do Progresso.

Primavera, *primula veris*,  
em palavra quedas intacta,  
em palavra pois te deponho  
a minha culpa coletiva,  
o meu cidadão remorso,  
minha saudade de água, bicho,  
terra encharcada de promessas,  
e visões e asas e vozes  
primitivas e eternas, como  
eterno (e amoroso) é o homem  
ligado ao quadro natural.

Primavera, fiz um discurso?  
Primavera, tu me perdoas?...

— 22 de setembro, *mina* minha.  
Vamos *curtir* a primavera  
em *compact cassette tape*, meu morango?  
Bota aí o Botticelli  
estereotransfigurado em Debussy  
e vê (primeiro fecha os olhos) Simonetta  
Vespucci toda flor  
florentil florindamente  
(bulcão?) entre corolas e resinas  
da flora da Tijuca...

— Não. Prefiro o *Sacré du Printemps*  
que *transa* a primavera mais primeva.  
Assim, no sala-e-escuro  
dos sala-e-quarto conjugados  
os dois ficamos *respeitando*  
um princípio de seiva e de nenúfar,  
enquanto a chuva — plic — tamborina  
seu samba de uma nota só  
na área de serviço.

É primavera, broto-brinco:  
saíu no jornal,  
a TV anunciou,  
o Governo consentiu,  
o Congresso aplaudiu  
o comércio vendeu  
arranjos de ikebana  
e em algum lugar florescem três-marias  
que são muitas marias, muitos nomes.

Vamos também *curtir* os nomes  
(são presentes do povo à gente-bem):  
riso-do-prado  
(cadê o prado?),  
amor-de-estudante  
(pobre! no cursinho  
que vira cursão  
e invade o Brasil),  
unha-de-gato

(envenenado  
no Passeio Público?),  
sempre-viçosa...  
isto! A esperança  
pousa na balança  
o seu peso-pluma.

— Você tá esquecido  
da maria-branca,  
da pombinha-das-almas  
e da noivinha...  
Asas-pseudônimos  
de primavera.

(Ah, vero *barato*  
esse de brincar  
de estação das flores  
de concreto-objeto!)

— Oi, depressa, vamos  
semear canteiros,  
preparar estacas  
e mergulhões,  
plantar tubérculos  
de cromo-gladiolos,  
túberas de dalias  
e tinhorões,  
repicar sementeiras,  
controlar lagartas,  
ácaros e *trips*,  
dizimar pulgões.

(Ui, primavera é *fogo*  
se levada a sério!)

— Vamos pintar de verde  
as áreas crestadas,  
pôr na parede  
a árvore genealógica,  
comprar um sabiá

mecânico,  
sortear  
o beija-flor de beijar cimento?

É primavera, escuta o Burle Marx  
diz que havia jardins  
em torno das casas,  
havia matas  
a cavaleiro das cidades,  
florestas  
onde o jacarandá e o mogno conversavam  
a conversa de séculos.  
(Fecharam o bico,  
chegado o eucalipto.)

Broto gentil, a primavera  
será um sonho de sonhar-se  
na fumaça  
no grito  
no sem azul deserto  
das cidades mortas que se julgam vivas?

## RETROLÂMPAGO DE AMOR VISUAL

Namoradas mortas  
tenho mais de cem:  
Barbara La Marr  
e Louise Fazenda,  
tenho Theda Bara  
e Olive Borden,  
Bessie Barriscale  
e Virginia Valli.  
Tenho Marion Davies,  
tenho Clara Bow,  
tenho Alice Calhoun,  
tenho Betty Compson,  
tenho Nancy Carroll,  
e Norma Talmadge  
e Anita Stewart,  
e Mildred Harris  
e Lya de Putti,  
que se suicidou,  
como Lupe Velez.  
Tenho Nazimova,  
Mae Murray, Mae Marsch  
e ainda Mae Busch  
e Edna Purviance,  
Ruth Roland, Ruth  
Chatterton, Julia Faye,  
tenho Ethel Clayton,  
tenho Kathlyn Williams,  
tenho Gladys Brockwell,  
morta num desastre.  
Eis Anna May Wong  
com Alice Joyce  
e Constance Bennett.  
Tenho Agnes Ayres  
e Elissa Landi,

tenho Mary Bryan  
e Dorothy Gish  
e Alice Brady  
e Renée Adorée.  
Guardo bem o nome  
de Marie Prévest  
e de Phyllis Haver,  
o de Mabel Normand,  
o de Fanny Ward,  
o de Helen Costello,  
o de Pearl White.  
E de Alma Rubens  
nunca mais me esqueço.  
Lembro Nita Naldi,  
Pauline Frederick,  
Geraldine Farrar,  
Clara Kimball Young,  
lembro Elsie Ferguson  
distantes, distantes.  
E lembro Ann Sheridan  
e Kay Francis lembro  
e Carole Lombard  
morta no avião  
como Linda Darnell  
morta no incêndio.  
Tenho namoradas  
que outros não namoram,  
como Zasu Pitts,  
Maria Ouspenskaya  
e Marie Dressler.  
Namoradas mortas?  
Tenho mais de mil.  
E das sem notícias  
tenho outras tantas.  
Onde se esconderam  
Aileen Pringle, Viola  
Dana, Louise Brooks?  
Não sei onde foram  
nem Pauline Starke  
nem Blanche Sweet  
nem Madge Bellamy

nem Gloria Stuart.  
Ainda sinto falta  
de Corinne Griffith,  
de Louise Glaum  
e de Anita Page,  
de Olga Petrova  
e de Mary Philbin,  
de Virginia Pearson,  
e Mary Miles Minter,  
de Claudette Colbert  
e Karen Morley,  
de Irene Castle  
e de Billie Dove.  
Que é de Irene Rich,  
onde vai Kay Johnson?  
Ah, Dorothy Dalton  
e Leatrice Joy!  
May Mac Avoy  
e Dorothy Mackaill,  
Eleonor Boardman  
e Alice Terry,  
Margaret Livingstone  
e Claire Windsor,  
a todas recordo  
e sumiram todas.  
Sumiu Lila Lee,  
sumiu Lois Wilson.  
Florence Vidor  
nunca mais voltou.  
Sumiu Colleen Moore.  
Nunca mais voltou  
Madlaine Traverse.  
Nunca mais voltaram  
Madleine Carrol  
e Bébé Daniels  
e Evelyn Brent.  
Quem dará notícia  
de Carmel Myers?  
De June Caprice  
e de Estelle Taylor?  
de Betty Blytte,

de Priscilla Dean?  
Onde, Shirley Mason?  
Ann Dvorak, onde?  
Onde Pola Negri  
e Laura La Plante?  
Quem viu Esther Ralston,  
Arlette Marchal,  
também Vilma Banky?  
Ai, namoradas  
desaparecidas  
tenho não sei quantas.  
Obrigado, Alex  
Viany, escusa  
de contar-me certo  
o fim que levaram.  
Melhor não saber,  
ou fazer que não.  
Em frente da tela  
branca para os outros,  
para mim repleta  
de signos e signos  
tão indestrutíveis  
que nem meu cansaço  
de velho olhador  
logra dissipá-los,  
sem timbre nostálgico,  
atual e sempre,  
mantenho a leitura  
deste sentimento  
de amor visual.



## EXORCISMO

Das relações entre topos e macrotopos  
Do elemento suprasegmental  
*Libera nos, Domine*

Da semia  
Do sema, do semema, do semantema  
Do lexema  
Do clasema, do mema, do sentema  
*Libera nos, Domine*

Da estruturação semêmica  
Do idioleto e da pancronia científica  
Da confiabilidade dos testes psicolinguísticos  
Da análise computacional da estruturação silábica dos falares regionais  
*Libera nos, Domine*

Do vocoide  
Do vocoide nasal puro ou sem fechamento consonantal  
Do vocoide baixo e do semivocoide homorgâmico  
*Libera nos, Domine*

Da leitura sintagmática  
Da leitura paradigmática do enunciado  
Da linguagem fática  
Da fatividade e da não fatividade na oração principal  
*Libera nos, Domine*

Da organização categorial da língua  
Da principalidade da língua no conjunto dos sistemas semiológicos  
Da concretez das unidades no estatuto que dialetaliza a língua  
Da ortolinguagem  
*Libera nos, Domine*

Do programa epistemológico da obra

Do corte epistemológico e do corte dialógico  
Do substrato acústico do culminador  
Dos sistemas genitivamente afins  
*Libera nos, Domine*

Da camada imagética  
Do espaço heterotópico  
Do glide vocálico  
*Libera nos, Domine*

Da linguística frástica e transfrástica  
Do signo cinésico, do signo icônico e do signo gestual  
Da clítização pronominal obrigatória  
Da glossemática  
*Libera nos, Domine*

Da estrutura exossemântica da linguagem musical  
Da totalidade sincrética do emissor  
Da linguística gerativo-transformacional  
Do movimento transformacionalista  
*Libera nos, Domine*

Das aparições de Chomsky, de Mehler, de Perchonock  
De Saussure, Cassirer, Troubetzkoy, Althusser  
De Zolkiewsky, Jakobson, Barthes, Derrida, Todorov  
De Greimas, Fodor, Chao, Lacan *et caterva*  
*Libera nos, Domine*

## A ROSA É UM JARDIM

A rosa é um jardim  
concentrado  
um clarim  
de cor, anunciando  
a alvorada ferosa  
e o tempo iluminado.

## RECEITA DE ANO NOVO

Para você ganhar belíssimo Ano Novo  
cor de arco-íris, ou da cor da sua paz,  
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido  
(mal vivido talvez ou sem sentido)  
para você ganhar um ano  
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,  
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser,  
novo  
até no coração das coisas menos percebidas  
(a começar pelo seu interior),  
novo espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,  
mas com ele se come, se passeia,  
se ama, se compreende, se trabalha,  
você não precisa beber champanha ou qualquer outra birita,  
não precisa expedir nem receber mensagens  
(planta recebe mensagens?  
passa telegrama?).  
Não precisa  
fazer lista de boas intenções  
para arquivá-las na gaveta.  
Não precisa chorar de arrependido  
pelas besteiras consumadas  
nem parvamente acreditar  
que por decreto da esperança  
a partir de janeiro as coisas mudem  
e seja tudo claridade, recompensa,  
justiça entre os homens e as nações,  
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,  
direitos respeitados, começando  
pelo direito augusto de viver.  
Para ganhar um ano novo  
que mereça este nome,  
você, meu caro, tem de merecê-lo,  
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,

mas tente, experimente, consciente.  
É dentro de você que o Ano Novo  
cochila e espera desde sempre.

CEIA EM CASA DE SIMÃO  
(EVANGELHO DE LUCAS, VII, 36-50)

I

Ai que jantares monótonos,  
em casa de fariseus!  
São tudo regras e ritos...  
Mas louvado seja Deus.

Simão recebia Cristo,  
medindo cada palavra.  
Era uma ceia? Um ardil?  
Jesus comia e calava.

A porta abriu-se. Que forma  
perturbadora vem lá?  
Em casa tão pura, a impura  
mulher que a todos se dá.

Se Cafarnaú inteira  
lhe censura a vida obscena,  
de quem partira o convite  
a Maria Madalena?

Maria, porém, não veio  
sentar-se à mesa. Hesitante,  
feito cachorro batido,  
erra na sala um instante.

E divisando de Cristo  
o magro vulto sentado,  
a seus pés se joga, súbito,  
no pranto mais desatado.

E o pranto, molhando as plantas  
de Cristo, não se exauria.  
Era um fogo, eram um tormento  
que nele se dissolvia.

O pé esquerdo e o direito  
já se lavam nesse orvalho,  
enquanto a mulher semelha  
pomba pedindo agasalho.

Agora os beija. E, ao beijá-los,  
neles vai depositando,  
por força de suas lágrimas,  
um peso que se faz brando.

Eis que Madalena enxuga,  
entre piedosos desvelos,  
os pés de Cristo nas tranças  
de seus noturnos cabelos.

Bálsamo tira de um vaso,  
para lentamente ungi-los.  
Só quando o aroma se espalha,  
seus membros quedam tranquilos.

## II

Mas Simão pensa consigo:  
“Se o Profeta vive ciente  
do que dorme no futuro,  
por que não sabe o presente?”

Não percebe, não vislumbra,  
sob a face enganadora  
de quem o toca, de rastros,  
uma extrema pecadora?”

Então, sentindo-lhe n'alma  
essa equívoca pergunta,  
diz-lhe Cristo, com doçura  
a que firmeza se junta:

*“Simão, escuta. Um homem  
tinha dois devedores.*

*Um devia quinhentos, outro apenas cinquenta dinheiros. Entretanto nenhum dos dois podia resgatar sua dívida.*

*O credor lhes perdoa, a um e outro.*

*Responde:*

*qual dos dois devedores lhe dará mais amor?"*

*"Mestre, penso eu, aquele a quem mais foi perdoado."*

*"Disseste bem. Pois vê esta mulher?"*

*Eu vim à tua casa e não me deste um pouco d'água para lavar os pés.*

*Ela, porém, com seu choro os banhou, com sua cabeleira os enxugou.*

*Simão, não me beijaste. Ela, ao contrário, desde o primeiro instante até agora, cobre-me os pés de beijos repetidos.*

*Com que perfume ungieste meus cabelos?"*

*Ela derrama bálsamo a meus pés.*

*E por isso te digo: seus pecados, pelo seu muito amor, sejam perdoados.*

*Mas aquele a quem menos se perdoa, menos amor, em troca, esse nos doa.*

*Estás limpa, Maria, de pecado."*

### III

*Pasmo, susto, irreprimida surpresa nos convidados: quem é o homem estranho que até perdoa pecados?*

*E enquanto entre si, confusos, doidamente discutiam, do corpo de Madalena sete demônios fugiam,*



como fumaças no campo,  
ao sol moreno de agosto,  
e na boca arrependida  
ficava um divino gosto.

*“Tua fé te salvou, Maria. Vai em paz.”*

#### IV

Esses jantares monótonos,  
em casa de fariseus!  
A festa acabou. Cansaço.  
Mas uma ceia mais bela,  
de criatura e de criador,  
se desenrola no espaço,  
pela graça e amor de Deus.

## OS NAMORADOS DO BRASIL

Dai-me, Senhor, assistência técnica  
para eu falar aos namorados do Brasil.  
Será que namorado escuta alguém?  
Adianta falar a namorados?  
E será que tenho coisas a dizer-lhes  
que eles não saibam, eles que transformam  
a sabedoria universal em divino esquecimento?  
Adianta-lhes, Senhor, saber alguma coisa,  
quando perdem os olhos  
para toda paisagem,  
perdem os ouvidos  
para toda melodia  
e só veem, só escutam  
melodia e paisagem de sua própria fabricação?

Cegos, surdos, mudos — felizes! — são os namorados  
enquanto namorados. Antes, depois  
são gente como a gente, no pedestre dia a dia.  
Mas quem foi namorado sabe que outra vez  
voltará à sublime invalidez  
que é signo de perfeição interior.  
Namorado é o ser fora do tempo,  
fora de obrigação e CPF,  
ISS, IFP, Pasep, INPS.

Os códigos, desarmados, retrocedem  
de sua porta, as multas envergonham-se  
de alvejá-lo, as guerras, os tratados  
internacionais encolhem o rabo  
diante dele, em volta dele. O tempo,  
afiando sem pausa a sua foice,  
espera que o namorado desnamore  
para sempre.  
Mas nascem todo dia namorados

novos, renovados, inovantes,  
e ninguém ganha ou perde esta batalha.

Pois namorar é destino dos homens,  
destino que regula  
nossa dor, nossa doação, nosso inferno gozoso.  
E quem vive, atenção:  
cumpra sua obrigação de namorar,  
sob pena de viver apenas na aparência.  
De ser o seu cadáver itinerante.  
De não ser. De estar, ou nem estar.

O problema, Senhor, é como aprender, como exercer  
a arte de namorar, que audiovisual nenhum ensina,  
e vai além de toda universidade.  
Quem aprendeu não ensina. Quem ensina não sabe.  
E o namorado só aprende, sem sentir que aprendeu,  
por obra e graça de sua namorada.

A mulher antes e depois da Bíblia  
é pois enciclopédia natural,  
ciência infusa, inconsciente, infensa a testes,  
fulgurante no simples manifestar-se, chegado o momento.  
Há que aprender com as mulheres  
as finezas finíssimas do namoro.  
O homem nasce ignorante, vive ignorante, às vezes morre  
três vezes ignorante de seu coração  
e da maneira de usá-lo.

Só a mulher (como explicar?)  
entende certas coisas  
que não são para entender. São para aspirar  
como essência, ou nem assim. Elas aspiram  
o segredo do mundo.

Há homens que se cansam depressa de namorar,  
outros que são infiéis à namorada.  
Pobre de quem não aprendeu direito,  
ai de quem nunca estará maduro para aprender,  
triste de quem não merecia, não merece namorar.

Pois namorar não é só juntar duas atrações  
no velho estilo ou no moderno estilo,  
com arrepios, murmúrios, silêncios,  
caminhadas, jantares, gravações,  
fins de semana, o carro à toda ou a 80,  
lancha, piscina, dia dos namorados,  
foto colorida, filme adoidado,  
rápido motel onde os espelhos  
não guardam beijo e alma de ninguém.

Namorar é o sentido absoluto  
que se esconde no gesto muito simples,  
não intencional, nunca previsto,  
e dá ao gesto a cor do amanhecer,  
para ficar durando, perdurando,  
som de cristal na concha  
ou no infinito.

Namorar é além do beijo e da sintaxe,  
não depende de estado ou condição.  
Ser duplicado, ser complexo,  
que em si mesmo se mira e se desdobra,  
o namorado, a namorada  
não são aquelas mesmas criaturas  
que cruzamos na rua.  
São outras, são estrelas remotíssimas,  
fora de qualquer sistema ou situação.

A limitação terrestre, que os persegue,  
tenta cobrar (inveja)  
o terrível imposto de passagem:  
“Depressa! Corre! Vai acabar! Vai fenecer!  
Vai corromper-se tudo em flor esmigalhada  
na sola dos sapatos...”  
Ou senão:  
“Desiste! Foge! Esquece! Esquece!”  
E os fracos esquecem. Os tímidos desistem.  
Fogem os covardes.  
Que importa? A cada hora nascem  
outros namorados para a novidade  
da antiga experiência.

E inauguram cada manhã  
(namoramor)  
o velho, velho mundo renovado.

## A MÚSICA DA TERRA

A dor habita em nós, o cravo a ignora.  
A vida, uma gavota? Pura dança  
o amor? No minueto de Lully  
cabe a dificuldade de existir?

Quinta-essência do angélico, no caos,  
paira a graça de Mozart sobre o abismo,  
sem devassá-lo — pássaro de nuvem.  
O tempo é outro metal, a comburir-nos.

Urge romper o gosto, a norma límpida,  
e sangrentas estilhas do momento  
passar à forma nobre da sonata.  
Urge extrair do piano o som dramático.

E suscitar o diálogo patético  
entre piano e violino, qual se escuta,  
na penumbra da alma, a duas vozes,  
um rumor de paixão se entretecendo.

Eis que a música deixa de ser pura.  
Os serafins e os elfos se despedem.  
A terra é lar dos homens, não dos mitos.  
Há que desmascarar nosso destino.

Em tatear incessante, no conflito  
corpo a corpo entre o ser e a contingência,  
nova música, unvida de tristeza  
mas radiante de força, vem ao mundo.

Luta o homem na área desolada  
de sua solidão; luta no palco  
fremente de contrastes, percebendo  
que pouco a pouco cerram-se os espaços

da percepção, e tudo se limita  
à captação interna, de sinais  
silentes, impalpáveis, invisíveis,  
nunca porém tão vivos se captados.

À proporção que a dor aumenta, e em volta  
nega-lhes o amor seus bálsamos terrestres,  
ganha requinte a fábrica sonora  
de eternizar a vida breve em arte.

*Es muss sein!* É preciso! Na amargura,  
na derrota do corpo, sublimada,  
a canção do heroísmo e a da alegria  
resgatam nossa mísera passagem.

E entreabre a sinfonia suas palmas  
imensas, a conter todo o rebanho  
de perplexos irmãos, de angustiados  
prospectores de rumo e de sentido

para a sorte geral. O homem revela-se  
na torrente melódica, suplanta  
seu escuro nascer, sua insegura  
visão do além, turva de morte e medo.

Ó Beethoven, tu nos mostraste o alvorecer.

Posfácio

CANTO CIRCUNSTANCIAL  
Sérgio Alcides



O poeta já andava além do outono, aos 75 anos de idade, quando seu *Discurso de primavera e algumas sombras* saiu do prelo, em finais de 1977. A velhice da mão não lhe impedia a renovação da pena. E assim ele deixava passar uma oportunidade (que podia ser sua última) de se entregar ao clássico lugar-comum pelo qual o verzejador idoso lamentava estar numa reta final, na estação em que a natureza recomençaria mais um ciclo.

Aposentadoria? Vida contemplativa? Nada disso, pelo que informava a “orelha”: aquele não seria um “livro de individualismo poético, mais voltado para o eu do que para o mundo”. Ao contrário, o que se prometia ali era “antes a participação ativa do poeta, como artista e como consciência, no processo global em que estamos empenhados”.

Ficará para trás o Drummond outonal de *Claro enigma* (1951) e *Fazendeiro do ar* (1954), que parecia ter banido para sempre de sua obra a noção de uma escrita participante ou empenhada politicamente. E retornava, numa espécie de segunda maturidade, o anterior, que em livros como *Sentimento do mundo* (1940) e *A rosa do povo* (1945) conquistara uma reputação de “poeta público”.

Nesse passado distante, quando ainda estava inclinado ao comunismo, ele afirmava um “tempo de partido” e de “homens partidos”. Mas sua política na velhice passaria a reclamar uma totalidade em extinção: “eterno (e amoroso) é o homem/ ligado ao quadro natural”. A participação pública da poesia tardia de Drummond tinha trocado a antiga sensibilidade social por uma preocupação ecológica, à qual também se associava uma postura pacifista e eminentemente civil. E isto no contexto de um mundo armado até os dentes, conturbado pela Guerra Fria e, na ditadura do Brasil, pelo confronto entre generais à direita e guerrilheiros à esquerda.

Em meio a tanta polarização, Drummond assumira a posição da mais rigorosa equidistância. Desde o final da década de 1940 estava desiludido com a militância partidária e com as utopias planificadoras da vida. Mas o clima revolucionário dos anos 1970 trouxera novas bandeiras, às quais o poeta não se manteve insensível.

Um sentido de urgência afastava esse último Drummond das acomodações próprias da terceira idade. “Que alguém te cante e te descante/ ficou urgente, Primavera” — escreveu ele, como quem escreve num “papel aberto às gentes”. A expressão parece referir-se à própria poesia, pelo caráter de publicidade que ela tem, mas originalmente se liga de maneira mais direta ao jornal cotidiano, onde todas as emergências do tempo vão desembocar.

A imensa maioria dos poemas deste livro foi publicada primeiro na coluna de Drummond no *Jornal do Brasil*, entre 1970 e 1977. Era esta a prática do autor desde a década de 1940. Suas coletâneas anteriores recolhiam textos antes lidos no *Correio da Manhã* e em outros jornais de grande circulação.

Drummond não concebia a poesia senão como discurso dirigido à esfera pública, esse amplo cruzamento de comunicações e interesses heterogêneos, constitutivo da modernidade, que tende a reivindicar a maior liberdade de expressão e de debate, para além das alçadas restritivas do Estado, das igrejas, das universidades, do poder econômico e das tradições. Não é por acaso que os alemães chamam esse âmbito social de *Öffentlichkeit* (literalmente, “abertura”). O “papel aberto às gentes” é o jornal, sem deixar de ser também a poesia, assim como o livro, sendo instâncias nesse ponto convergentes, por estarem as três — supostamente — oferecidas ao livre acesso do público.

O engajamento da poesia na esfera pública é um aspecto que atravessa toda a trajetória de Drummond, sem interrupções, como um fundamento ao mesmo tempo ético e poético. Desde o início dos anos 1940, esse vínculo levou o poeta a manter uma presença cada vez mais assídua na imprensa diária do Rio de Janeiro, a ponto de se tornar um mestre também no gênero da crônica. Tal assiduidade se reforçou ainda mais a partir de outubro de 1969, quando Drummond deixou o *Correio da Manhã* e foi para o *JB* — então o jornal mais importante do país, que passaria a publicar sua coluna três vezes por semana.

No fundo, o poeta sempre fora um atento vassalo de Chronos. “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente” — escrevera, num verso famoso de *Sentimento do mundo*. Com um programa desses, sua obra nunca perderia o interesse crônico pelo fluir temporal e por tudo o que ele aniquila, mais tudo o que é temporário, resquício, resíduo, ruína, perda. Isso inscreve Drummond na longa tradição dos poetas da melancolia, como um parente modernista de Camões e Cláudio Manuel da Costa.

No entanto, o Drummond tardio tem de específico uma entrega mais completa ao tempo presente. Às terças, quintas e sábados, ele entra na fluência geral e mergulha, junto com os homens presentes, na vida presente e noticiada no mesmo veículo cotidiano. Nesse fluxo, as fronteiras entre o poético e o prosaico vão se misturando e com frequência se invertem, na crônica que soa como poema em prosa ou no poema que parece obra de cronista versificada.

“Versiprosa” — foi a palavra inventada pelo autor para descrever o resultado híbrido que recolhera, das páginas do *Correio da Manhã*, em seu livro de 1967. Era um livro de poemas, mas o subtítulo evocava a prosa do mundo e do tempo como matéria principal: “Crônica da vida cotidiana e de algumas miragens”.

Sem contradição com o ângulo melancólico que adotara desde os primeiros livros, tomando sempre a perda como elemento de identificação do sujeito e

disparador da poesia, o Drummond tardio instalava sua escrita em pleno movimento das circunstâncias. Sua antiga disposição cética fizera dele um poeta da contingência, desconfiado tanto da providência divina quanto da ideia laica de uma “necessidade histórica”. Na encruzilhada entre melancolia e ceticismo, era como se nem lhe parecesse concebível uma poesia que não fosse de algum modo circunstancial.

Mas a poesia de circunstância sempre foi considerada um gênero menor — embora não deixasse de cativar um público amplo, o qual no Brasil foi se tornando menos exigente, à medida que aumentava, na segunda metade do século XX. A coluna de Drummond podia fazer sucesso entre os leitores do *JB*, mas os livros que depois brotavam dessa fonte não convenciam a crítica mais severa. Para Luiz Costa Lima, por exemplo, o poeta perdera a virtude corrosiva de seus melhores tempos. E bem sugestivo foi o título do ensaio em que Flora Süssekind expôs suas objeções, logo após a morte de Drummond, em 1987: “Um poeta invade a crônica”. O que estava em jogo, afinal, era o risco de se transferir para a poesia uma obrigação da crônica que em princípio lhe deveria ser estranha — a de agradar aos leitores do jornal que a veicula.

*Discurso de primavera e algumas sombras* é um livro que tem tudo para atrair essas críticas. Muitos de seus poemas estão tão subordinados ao noticiário do momento que, se pareceram bem fáceis de entender para seus leitores de primeira hora, hoje podem soar ininteligíveis sem uma pesquisa nos arquivos do jornal. Por outro lado, se agora consideramos essa estranha inatualidade do que um dia foi atual demais, este livro se revela paradoxalmente radical e até “drummondiano” no sentido mais rigoroso. O que suas páginas mostram para o leitor de hoje é a vida irremediável, a emergência já passada, a data esquecida, a perda da experiência como condição mais determinante da escrita.

Enfim, tinha razão o redator anônimo da “orelha” da edição original, ao dizer que se tratava ali de uma “poesia no tempo e sobre o tempo”. Vale a pena ouvir com atenção o que falam as “orelhas” dos livros de Drummond publicados pela José Olympio entre as décadas de 1940 e 1980 — não só porque dizem que o próprio autor as redigia, mas sobretudo porque elas dão um testemunho riquíssimo sobre os movimentos de sua obra, seus deslocamentos, suas reviravoltas, sua temperatura.

O anônimo da José Olympio nos permite observar, por exemplo, que em *Discurso de primavera* o autor havia rompido com a organização recente de sua obra poética, iniciando um novo ciclo. A “orelha” de seu livro anterior, *As impurezas do branco*, de 1973, falava em “três linhas distintas de poesia” seguidas por Drummond aos setenta anos de idade. A primeira era a memorialística, da série *Boitempo*; a segunda foi chamada de “lúdica”, humorística, de *Versíprosa*; e a terceira era “a que, por falta de melhor qualificação, se poderia chamar de geral, com equilíbrio de reações

temperamentais e identificação com o mundo”, à qual pertenceria o livro então apresentado. Seria difícil remeter a apenas uma dessas linhas o verso de *Discurso de primavera*, que em 1977 o anônimo dizia ter adquirido “a utilidade imediata que tem um sinal de alarme ou um grito de SOS varando a noite”.

Em 1983, a “orelha” de *Nova reunião* reforçava esse engajamento, falando de uma poesia que, sendo “aparentemente individualista”, seria de fato um “vigoroso instrumento de participação social”. Ao descrever o repertório do poeta, o redator aludia explicitamente aos principais temas deste livro, como “o resgate da mísera condição terrestre” na música de Beethoven e o protesto contra “a gradativa destruição da terra por seus habitantes”. E resumia tudo — memória, humor e temperamento — ao termo antes adotado para designar a terceira daquelas linhas: “Este é Drummond, um ‘poeta geral’”.

É precisamente o “viver geral” aquilo que desperta a poesia de *Discurso de primavera*, inclinada à crônica e movida pelo noticiário cotidiano. Ela pretende situar-se, como o Cristo do Corcovado, no Rio, “bem mais perto/ da humana contingência”. Tão inatural na sua atualíssima efemeridade, ela está impregnada do tempo com o qual foi escrita e que desde a primeira publicação a vem corroendo e transformando — assim como, numa escultura de ferro, a oxidação continua o trabalho do artista à revelia dele.

O que o poeta hoje entrega ao leitor deste livro são resíduos da vida em geral do Brasil nos anos 1970 e da circunstância de — nesse lugar, nessa época — estar no mundo e observá-lo intensamente. Esta é a poesia tardia de Drummond, sua deriva no tempo que foi sua matéria, seu papel e sua tinta. E ela se reparte em poemas variados, desiguais, que mostram o melhor e o pior do autor, seu inconfundível apuro de artífice constante, seu inevitável artificialismo de escriba constantemente apurado.

Certas composições sobrevivem mais ou menos inteiras ao desaparecimento do contexto que as motivou. Outras ameaçam desaparecer com ele, porque nele se perdeu seu interesse. Estas, no entanto, apenas trocaram de fascínio: a própria perda inscrita nelas constitui experiência estética. “Canto circunstancial”, pode-se dizer, aproveitando o título que a primeira parte do poema “E aconteceu a Primavera” recebeu ao ser publicada pela primeira vez, no *JB*, para saudar a chegada da nova estação, em setembro de 1975.

Nessa época, Drummond era uma indústria. Praticamente todo ano entregava ao prelo pelo menos um livro novo, em prosa ou em verso. As vendas às vezes obrigavam a José Olympio a imprimir duas ou três tiragens seguidas de cada publicação. Em 1977, a *Antologia poética* lançada em 1962 chegou à décima edição, e os *Contos de aprendiz*, de 1951, tiveram mais duas, a 15ª e a 16ª. Além de *Discurso de primavera*, o autor publicou nesse ano também as crônicas de *Os dias lindos*, e ainda participou do estrondoso êxito editorial que foi o lançamento da série *Para gostar de ler*, da editora Ática, reunindo crônicas

suas, de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. Como se não bastasse, também saiu nesse ano a terceira edição (ampliada) de sua obra reunida, *Poesia completa e prosa*, na série em papel-bíblia da editora Nova Aguilar. E no ano seguinte seu sucesso chegaria à indústria fonográfica, com um álbum duplo de poemas lidos pelo autor, em *long-play*, lançado por uma gravadora comercial, a Polygram/Philips.

A primeira edição de *Discurso de primavera* foi publicada fora do comércio como brinde oferecido por uma agência de publicidade, em capa dura, com ilustrações de Carybé, e trazendo a marca da editora Record. Pode ser que o leitor de hoje nem acredite nisso, mas é verdade que a MPM Propaganda distribuía a seus clientes, como presente de fim de ano, livros inéditos de Erico Verissimo (*Solo de clarineta*, de 1973), Mário Quintana (*Quintanares*, de 1976) e Graciliano Ramos (*Cartas*, de 1980), entre outros escritores brasileiros. E na época era a maior agência publicitária do Brasil, notória, por exemplo, pela campanha que divulgou a entrada da Fiat no mercado automobilístico do país.

O livro chegou às livrarias só na primavera de 1978, em segunda edição, já com o selo regular da José Olympio. Quinze poemas tinham sido acrescentados, mas o organismo permanecia igual. Vinha dividido em seis seções, que cobrem o repertório da coluna trissemanal de Drummond. A primeira, “Notícias do Brasil”, liga-se mais diretamente a preocupações surgidas com o noticiário, como a estiagem que ameaçou secar o rio São Francisco, no verão de 1971, o escândalo de outubro de 1975 com a poluição do rio Tietê, ou a desfiguração urbanística de Belo Horizonte, denunciada no *Estado de Minas* em agosto de 1976. A segunda, “Os marcados”, é movida a efemérides acerca de pessoas queridas ou admiradas, comemorando o aniversário de amigos como Pedro Nava ou Aires da Mata Machado, relembrando confrades mortos, como Augusto Frederico Schmidt e Manuel Bandeira, ou homenageando os recém-falecidos, como Murilo Mendes, Di Cavalcanti e Clarice Lispector. A terceira, “São Sebastião e pecadores do Rio de Janeiro”, é dedicada à cidade de adoção do poeta. Já a quarta, “Capítulos de história colonial”, volta-se para as origens mineiras. A quinta, “Assim vai (?) o mundo”, replica interrogativamente a primeira, mas agora no âmbito das notícias internacionais, como a realização em Estocolmo da Primeira Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente, em junho de 1972, ou a declaração de um cessar-fogo no Vietnã, em janeiro de 1973. Por fim, a sexta, “Música de fundo”, é como se fosse o “Caderno B” do livro, mais livre das pautas imediatas, mais espaçosa para o aprofundamento em assuntos difíceis, como o diálogo consigo próprio, a virtude de Madalena (uma pecadora) ou a “dificuldade de existir” acolhida pela música de Beethoven — envolvendo assim os temas que se isentam do calor da hora mas não deixam de perpassá-lo, soando ao redor dele, na consciência interrogadora do indivíduo entregue ao tempo.

Praticamente nenhum poema deste livro está livre de alguma amarra contextual. A sucessão dos títulos documenta o embate entre a imaginação criadora do poeta e os estímulos externos que a mobilizam, os quais deixam, aqui, vestígios mais perceptíveis do que em coletâneas anteriores.

Entre os vários poemas excessivamente presos a um contexto hoje esquecido, um dos mais interessantes é “Postal para Catherine”, remanescente da coluna de Drummond no *Correio da Manhã*. Quem o leu nesse jornal, no domingo 11 de maio de 1969, pôde identificar seu motivo de imediato. Na semana anterior, a imprensa brasileira noticiou o drama de uma menina belga internada com leucemia num hospital parisiense, em estado terminal; sabendo que estava condenada, ela pedira a crianças de todos os países que lhe enviassem cartões-postais de suas cidades, para que ela pudesse conhecer o mundo mesmo sem poder viajar. O secretário de Educação da Guanabara decidiu intervir no caso e pôs as escolas do Rio em prontidão, com o apoio da Air France e da ECT. E por alguns dias o caso comoveu a opinião pública brasileira — incluindo o poeta, que redigiu em versos ligeiramente irônicos seu próprio apelo, abruptamente interrompido por outra reação ao noticiário recente:

... A Cacilda aqui perto  
de nós e sem olhar  
que fale de um desejo,  
sem voz que nos devolva  
as suas trinta vidas  
de trinta personagens  
no quarto angustiado  
à espera de Godot  
à espera da esperança,  
que daremos senão  
amor amor em pânico  
se ela não pede nada?

E esta Cacilda o leitor culto de hoje talvez ainda reconheça como a atriz Cacilda Becker, mas poderá não saber que por aqueles dias ela estava internada no Rio, inconsciente. Na terça-feira anterior, 6 de maio, ela sofrera um derrame em cena, durante uma apresentação da peça *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, e viria a morrer no mês seguinte.

O poema é bem escrito, bem metrificado em seu verso quebrado, que sutilmente acentua o prosaísmo do texto com uma tônica na sexta sílaba. No entanto, agora que Catherine e o secretário de Educação descansam na mesma

obscuridade, ele perde a força inicial se não dispuser de uma prolixa nota de rodapé que lhe esclareça os vínculos passados (e perdidos).

É um exemplo bem menos brilhante do procedimento seguido por Drummond muitos anos antes em seu famoso “Morte do leiteiro”, de *A rosa do povo*, que se impõe num plano universal sem necessidade de resgate do acontecimento particular disparador da fantasia. Como objeto artístico, fictício, o texto pode ter partido de uma figura noticiosa, mas a transfiguração poética o tornara irreduzível a essa origem acontecimental. E assim, a seu modo, Drummond seguia o gesto modernista de Manuel Bandeira, em seu provocativo “Poema tirado de uma notícia de jornal”.

Várias outras composições deste livro conseguem o mesmo feito, emergindo das circunstâncias sem deixar de incorporá-las à fatura da poesia. Entre estas, destaca-se logo no início da primeira seção “Kreen-akarore”, na qual o poeta retorna a um de seus tópicos mais característicos, o da recusa. E o objeto negado agora é a própria civilização moderna e “branca”:

Gigante que recusas  
encarar-me nos olhos,  
apertar minha mão  
temendo que ela seja  
uma faca, um veneno,  
uma tocha de incêndio;

— diz o poeta, assumindo como *persona* a má consciência da instância recusada.

Só tenho para dar-te  
em turvo condomínio  
o pesadelo urbano  
de ferros e de fúrias

— continua ele, para concluir comparando a esquivaça do índio à própria esperança de paz, que também “se furta e se apaga/ medusada de medo”. E basta. O leitor de hoje não necessita de nenhuma informação adicional para receber todo o impacto do texto.

Isso não significa que, para compreender melhor a poesia tardia de Drummond, não seja relevante saber que esse poema publicado no *JB* de terça-feira, 25 de julho de 1972, tocava numa das mais terríveis tragédias dos anos de chumbo. Nas semanas anteriores, a grande imprensa do Sudeste tinha iniciado a cobertura cada vez mais sensacional da tentativa de “atrair” uma tribo isolada e arredia — cujas terras na bacia do rio Peixoto de Azevedo, na divisa entre o

Mato Grosso e o Pará, seriam cortadas pela rodovia BR-163 (Cuiabá-Santarém), então em construção. A operação era conduzida heroicamente pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Bôas, que desde 1969 tentavam contato com os índios e consideravam a transferência deles para o Parque do Xingu, para evitar que fossem dizimados.

Eram os Kreen-akarore, só mais tarde identificados como os Panará, descendentes dos Caiapó do Sul que no século XVIII migraram para o Norte em busca de refúgio. Até então apenas um indivíduo desse grupo era conhecido, por ter sido criado por outra tribo, e — como ele era casualmente muito alto — espalhou-se o mito dos misteriosos “índios gigantes” perdidos na Amazônia. Tinham sido “redescobertos” poucos anos antes, em julho de 1967, quando um grupo deles se aproximou pacificamente da base aérea da FAB na Serra do Cachimbo e foi rechaçado com tiros de metralhadora e voos rasantes. Depois as obras iniciadas pelo Exército atraíram peões, garimpeiros e madeireiros, que trouxeram doenças, mais violência e costumes nocivos. Quando finalmente se deu a transferência dos índios para o Xingu, em 1975, sobreviviam apenas 79 integrantes da tribo, de uma população antes estimada em até 600 pessoas.

A *persona* adotada por Drummond no poema parece incorporar o amargor das declarações de Orlando Villas-Bôas publicadas pelo “enviado especial” do *JB* em reportagem de 21 de junho de 1972. Para o sertanista, quando a “atração” pacífica finalmente acontecesse, ele e seu irmão Cláudio estariam “consumando mais um crime contra o índio, sempre em nome da nossa civilização”. E os índios, disse Villas-Bôas ao repórter Mario Chimanovitch, “a tudo assistem, com os olhos de povos tragediados”.

Essa consciência trágica e culposa atravessa *Discurso de primavera* e se liga diretamente ao aspecto emergencial da última poesia de Drummond. Era urgente escrever, como se fosse para salvar os índios na última hora, mas sabendo desde logo que a salvação não só fracassaria como ainda deixaria o poeta com sangue nas mãos.

Perdurava a melancolia drummondiana, que no entanto nada tinha de incompatível com o humor e o uso cortante da ironia. Agora, a aproximação entre a poesia e a crônica favorecia especialmente a sátira. O canto circunstancial do Drummond tardio com frequência se volta para o gênero antigamente chamado de “baixo”, que o velho Horácio denominava “pedestre”, como se fosse a poesia sem as asas do lirismo nem os cavalos da epopeia.

É o caso de um dos poemas centrais deste livro, “Antibucólica 1972”, publicado no *JB* em junho desse ano, no contexto da conferência de Estocolmo sobre o meio ambiente. O mote foi a notícia de que cientistas americanos tinham descoberto que a fotossíntese também contribuía para a poluição atmosférica: “até a clorofila entra na fila/ dos poluidores” — reagiu o poeta irônico, assumindo um andamento empastado, decassilábo, com o qual



parodiava o ritmo e o estilo dos *Lusíadas*:

Nó mais, verde, nó mais, que a língua tenho  
(Camões que me perdoe, com seu engenho)  
acidulada e a voz enrouquecida.  
Já tusso, já sufoco, já me vejo  
na horizontal postura inarredável  
só de papar um mísero legume  
ou de alecrim cheirar meigo perfume  
que esconde no seu seio algo terrível.

Drummond estropiava a oitava 145 do Canto X de Camões — “Nó mais, Musa, nó mais” (significando “*Não* mais, Musa, *não* mais”), “que a Lira tenho/destemperada e a voz enrouquecida”). Mais adiante, mistura a referência clássica com uma alusão cômica à seara da MPB:

É grama, é folha, é rama, ó Tom, é planta,  
são as flores de março...

— porque naquele mesmo ano fora lançada a famosa canção de Antônio Carlos Jobim.

Outro exemplo de recurso à sátira se vê num poema que saiu no *JB* em fevereiro de 1976, poucos dias depois de o jornal noticiar que uma importante peça do patrimônio cultural mineiro estava prestes a ser vendida a empresários paulistas ou ao estado de São Paulo. Não poderia ser mais prosaico o assunto de “Ataíde à venda?”, cujo objetivo era simplesmente evitar que os padres lazaristas do Santuário do Caraça, em Minas Gerais, fossem obrigados a aceitar as propostas que vinham recebendo acerca de uma *Última Ceia* pintada por Manuel da Costa Ataíde, uma tela de 1828, pertencente ao acervo de sua capela.

— Quanto quer pelo Ataíde?  
fala ao padre lazarista  
o emissário paulista  
de olhar guloso na “Ceia”  
que na aguda serra  
ilumina qual candeia  
as ruínas do Caraça.

Assim inicia Drummond seu poema, resumindo todo o contexto em um

punhado de versos de redondilha popular finamente lavrados. Mais adiante, empresta sua maestria à fala aliciadora do pretense comprador:

— Já disse: não. — Ah, desculpe,  
prefere que se desfaça  
a obra de Mestre Manuel  
no desgaste que lhe inflige  
o dente roaz do Tempo  
em sua faina cruel?  
Quer ver Cristo desbotado,  
carcomido, atomizado,  
mancha pálida no pano?

E, na conclusão, exorta o governo de Minas e outras instituições a tomarem uma providência (mais uma vez seguindo Bandeira, que em sua poesia de circunstância também chamava a atenção das autoridades negligentes):

Corre, corre, Aureliano,  
vai, Conselho de Cultura,  
depressa, Assembleia, vai,  
salva os padres agoniados  
da prontidão que os achaca,  
e salvando-os, preservando-os  
da mercantil ameaça,  
salva a arte, salva a glória,  
salva o máximo tesouro,  
a riqueza que não passa:  
Cristo-Ceia do Caraça!

Que terá sentido o governador Aureliano Chaves — “biônico”, ou seja: nomeado pelos generais — ao ver seu nome estampado num poema de Drummond? Considerou, por acaso, que isso talvez o roubasse do perpétuo esquecimento? Seja como for, o poeta declarou em sua coluna seguinte que o mandatário lhe escrevera prometendo “urgentes providências”.

Que o quadro de Ataíde continue exposto nas paredes do Caraça, já restaurado e tombado, talvez tenha algo a ver com a participação na esfera pública da poética tardia de Drummond. Essa possível eficácia, por ser sempre tão precária e incerta, importa menos do que o feito de a poesia ocasionalmente elevar a contingência do “viver geral” a esse plano transfigurado da “riqueza

que não passa”. É o plano que Drummond representa como oposto aos seus inimigos de eleição neste livro: os exterminadores de índios, os devastadores da natureza, a “mercantil ameaça” dos plutocratas, a ideologia do progresso a qualquer custo.

O último Drummond parece mesmo apontar para uma certa proximidade entre a figura do poeta e a do “homem público”, ou pelo menos para a possibilidade de ambos habitarem o mesmo mundo republicano. O tema vem à tona num dos poemas mais impressionantes deste livro, que é a homenagem em novembro de 1975 pelos setenta anos do jurista mineiro Afonso Arinos de Melo Franco, escritor e ex-ministro das Relações Exteriores, velho amigo de Drummond. Ele é louvado por lutar pelo bem comum

armado só de palavra,  
entre leis estraçalhadas,  
esperanças malogradas  
e sinais de mundo novo  
rogando decifração.

Grande parte do esforço do Drummond tardio interroga esse mundo cifrado por estar em transformação, o qual constantemente ameaça expulsar quem não cede aos seus rogos nem negocia com ele o malogro de suas esperanças passadas. O trecho insinua, de passagem, o protesto contra o regime de exceção que violava os códigos legais. Na direção contrária, também se ouve nele uma nota de ceticismo quanto aos que tentavam lutar com mais do que palavras.

Também é só esse o armamento do poeta. Se fosse compositor, lutaria com notas musicais, apenas. Assim como se espelha nas virtudes públicas do político justo, Drummond continua de algum modo a falar de seu ofício em “A música da terra”, uma ode publicada no *JB* para marcar o sesquicentenário da morte de Beethoven, em 26 de março de 1977. No livro, ela aparece por último, escolhida para o *finale*, como se recapitulasse todos os temas abordados nos movimentos anteriores.

É um desfecho solene, em quadras decassilábicas que, de saída, saltam da efeméride circunstancial direto para a metafísica: “A dor habita em nós”. O motivo a ser desenvolvido é: como captá-la em forma artística? “Eis que a música deixa de ser pura” — diz o poeta, chamando a atenção para a necessidade de “sujar” a arte com a vida, num “tatear incessante, no conflito/ corpo a corpo entre o ser e a contingência”.

É provável que esse conflito e o reconhecimento da impureza afinal sirvam para definir toda a obra drummondiana no quadro da poesia moderna. O Drummond tardio escolhe tatear no chão circunstancial da vida cotidiana, direto na fonte. Reforçando o engajamento de sempre com a esfera pública, instala-se

em prosa e verso na “casa do jornal”. Como afirma em poema de 1973, comemorando a inauguração da nova sede do *JB*, na avenida Brasil, era ali que as rotativas trabalhavam “devolvendo ao tempo/ o testemunho do tempo”. Hoje o *JB* até já saiu de circulação. Mas o *Discurso de primavera* está nas mãos do leitor, cumprindo a mesma tarefa.

## Leituras recomendadas

CORREIA, Marlene de Castro.  
*Drummond: a magia lúcida*.  
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GLEDSON, John.  
*Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*.  
São Paulo: Duas Cidades, 1981.

LIMA, Luiz Costa.  
“O princípio-corrosão na poesia  
de Carlos Drummond de Andrade”.  
In: *Lira e antilira*.  
Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

SÛSSEKIND, Flora.  
“Um poeta invade a crônica”.  
In: *Papéis colados*.  
Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

1910 Inicia o curso

primário no Grupo  
Escolar Dr.  
Carvalho Brito.

1916 É matriculado  
como aluno  
interno no Colégio  
Arnaldo, em Belo  
Horizonte.  
Conhece Gustavo  
Capanema e  
Afonso Arinos de  
Melo Franco.  
Interrompe os  
estudos por motivo  
de saúde.

1917 De volta a Itabira,  
toma aulas  
particulares com o  
professor Emílio  
Magalhães.

1918 Aluno interno do  
Colégio Anchieta  
da Companhia de  
Jesus, em Nova  
Friburgo, colabora  
na *Aurora Colegial*.  
No único exemplar  
do jornalzinho  
*Maio...*, de Itabira,



o irmão Altivo  
publica o seu  
poema em prosa  
“Onda”.

1919 É expulso do  
colégio em  
consequência de  
incidente com o  
professor de  
português. Motivo:  
“insubordinação  
mental”.

1920 Acompanha sua  
família em

mudança para Belo Horizonte.

1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus,

Batista Santiago,  
Aníbal Machado,  
Pedro Nava,  
Gabriel Passos,  
Heitor de Sousa e  
João Pinheiro  
Filho, habitués da  
Livraria Alves e do  
Café Estrela.

1922 Seu conto  
“Joaquim do  
Telhado” vence o  
curso da *Novela  
Mineira*. Trava  
contato com Álvaro

Moreyra, diretor de  
*Para Todos...* e  
*Ilustração*  
*Brasileira*, no Rio  
de Janeiro, que  
publica seus  
trabalhos.

1923 Ingressa na Escola  
de Odontologia e  
Farmácia de Belo  
Horizonte.

1924 Conhece, no  
Grande Hotel de  
Belo Horizonte,

Blaise Cendrars,  
Mário de Andrade,  
Oswald de Andrade  
e Tarsila do  
Amaral, que  
regressam de  
excursão às cidades  
históricas de Minas  
Gerais.

1925 Casa-se com  
Dolores Dutra de  
Morais. Participa  
— juntamente com  
Martins de  
Almeida, Emílio  
Moura e

Gregoriano Canedo  
— do lançamento  
de *A Revista*.

1926 Sem interesse pela  
profissão de  
farmacêutico, cujo  
curso concluíra no  
ano anterior, e não  
se adaptando à vida  
rural, passa a  
lecionar geografia e  
português em  
Itabira. Volta a Belo  
Horizonte e, por  
iniciativa de

Alberto Campos,  
ocupa o posto de  
redator e depois  
redator-chefe do  
*Diário de Minas*.

Villa-Lobos compõe  
uma seresta sobre o  
poema “Cantiga de  
viúvo” (que iria  
integrar *Alguma  
poesia*, seu livro de  
estreia).

1927 Nasce em 22 de  
março seu filho,  
Carlos Flávio, que

morre meia hora  
depois de vir ao  
mundo.

1928 Nascimento de sua  
filha, Maria Julieta.  
Publica “No meio  
do caminho” na  
*Revista de*  
*Antropofagia*, de  
São Paulo, dando  
início à carreira  
escandalosa do  
poema. Torna-se  
auxiliar na redação  
da *Revista do*



*Ensino*, da  
Secretaria de  
Educação.

1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.

1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos

exemplares sob o  
selo imaginário de  
Edições  
Pindorama, de  
Eduardo Frieiro.  
Assume o cargo de  
auxiliar de gabinete  
de Cristiano  
Machado,  
secretário do  
Interior. Passa a  
oficial de gabinete  
quando seu amigo  
Gustavo Capanema  
assume o cargo.

1931 Morre seu pai.

1933 Redator de A  
*Tribuna.*

Acompanha  
Gustavo Capanema  
durante os três  
meses em que este  
foi interventor  
federal em Minas.

1934 Volta às redações:  
*Minas Gerais,*  
*Estado de Minas,*  
*Diário da Tarde,*  
simultaneamente.

Publica *Brejo das  
almas* (duzentos  
exemplares) pela  
cooperativa Os  
Amigos do Livro.  
Transfere-se para o  
Rio de Janeiro  
como chefe de  
gabinete de  
Gustavo  
Capanema, novo  
ministro da  
Educação e Saúde  
Pública.

1935 Responde pelo

expediente da  
Diretoria-Geral de  
Educação e é  
membro da  
Comissão de  
Eficiência do  
Ministério da  
Educação.

1937 Colabora na *Revista  
Acadêmica*, de  
Murilo Miranda.

1940 Publica *Sentimento  
do mundo*,  
distribuindo entre

amigos e escritores  
os 150 exemplares  
da tiragem.

1941 Mantém na revista  
*Euclides*, de Simões  
dos Reis, a seção  
“Conversa de  
Livraria”, assinada  
por “O Observador  
Literário”. Colabora  
no suplemento  
literário de *A  
Manhã*.

1942 Publica *Poesias*, na

prestigiosa Editora  
José Olympio.

1943 Sua tradução de  
*Thérèse*  
*Desqueyroux*, de  
François Mauriac,  
vem a lume sob o  
título *Uma gota de*  
*veneno*.

1944 Publica *Confissões*  
*de Minas*.

1945 Publica *A rosa do*  
*povo e O gerente*.

Colabora no  
suplemento  
literário do *Correio  
da Manhã* e na  
*Folha Carioca*.

Deixa a chefia do  
gabinete de  
Capanema e, a  
convite de Luís  
Carlos Prestes,  
figura como  
codiretor do diário  
comunista *Tribuna  
Popular*. Afasta-se  
meses depois por  
discordar da  
orientação do



jornal. Trabalha na  
Diretoria do  
Patrimônio  
Histórico e  
Artístico Nacional  
(DPHAN), onde  
mais tarde se  
tornará chefe da  
Seção de História,  
na Divisão de  
Estudos e  
Tombamento.

1946 Recebe o Prêmio  
de Conjunto de  
Obra, da Sociedade

Felipe d'Oliveira.

1947 É publicada a sua  
tradução de *Les  
Liaisons  
dangereuses*, de  
Laclos.

1948 Publica *Poesia até  
agora*. Colabora em  
*Política e Letras*.  
Acompanha o  
enterro de sua mãe,  
em Itabira. Na  
mesma hora, no  
Teatro Municipal

do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.

1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em

Buenos Aires.  
Participa do  
movimento pela  
escolha de uma  
diretoria apolítica  
na Associação  
Brasileira de  
Escritores.  
Contudo,  
juntamente com  
outros  
companheiros,  
desliga-se da  
sociedade por  
causa de atritos  
com o grupo  
esquerdista.

1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.

1951 Publica *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.

1952 Publica *Passeios na*

*ilha e Viola de  
bolso.*

1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume

*Dos poemas.*

1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les Paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas

“Imagens”, no  
*Correio da Manhã*,  
mantida até 1969.

1955 Publica *Viola de  
bolso novamente  
encordada*. O  
livreiro Carlos  
Ribeiro publica  
edição fora de  
comércio do  
*Soneto da  
buquinagem*.

1956 Publica *Cinquenta  
poemas escolhidos*



*pelo autor. Sai sua  
tradução de  
Albertine disparue,  
ou La Fugitive, de  
Marcel Proust.*

1957 Publica *Fala,  
amendoeira e Ciclo.*

1958 Uma pequena  
seleção de seus  
poemas é publicada  
na Argentina.

1959 Publica *Poemas.*

Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.

1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*.

Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.

1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.

1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem

as traduções de  
*L'Oiseau bleu*, de  
Maeterlinck, e *Les  
Fourberies de  
Scapin*, de Molière,  
recebendo por esta  
novamente o  
Prêmio Padre  
Ventura. Aposenta-  
se como chefe de  
seção da DPHAN,  
após 35 anos de  
serviço público.

1963 Aparece a sua  
tradução de *Sult*

(*Fome*), de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.

1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.

1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie*

(Alemanha). Com  
Manuel Bandeira,  
edita *Rio de Janeiro*  
*em prosa & verso.*  
Colabora em *Pulso.*

1966 Publicação de  
*Cadeira de balanço*  
e de *Natten och*  
*Rosen* (Suécia).

1967 Publica *Versiprosa,*  
*José & outros, Uma*  
*pedra no meio do*  
*caminho: biografia*  
*de um poema,*

*Minas Gerais*  
*(Brasil, terra e*  
*alma), Mundo,*  
*vasto mundo*  
*(Buenos Aires) e*  
*Fyzika Strachu*  
*(Praga).*

1968 Publica *Boitempo*  
& *A falta que ama.*

1969 Passa a colaborar  
no *Jornal do Brasil.*  
Publica *Reunião*  
(dez livros de



poesia).

1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.

1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.

1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores

jornais brasileiros.

1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).

1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.

1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.

1977 Publica *A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos*. É publicada

na Bulgária uma  
antologia intitulada  
*Sentimento do  
mundo.*

1978 A Editora José  
Olympio publica a  
segunda edição  
(corrigida e  
aumentada) de  
*Discurso de  
primavera e  
algumas sombras.*  
Publica *O marginal*  
Clorindo Gato e 70  
*historinhas,*

reunião de  
pequenas histórias  
selecionadas em  
seus livros de  
crônicas. *Amar-  
Amargo* e *El poder  
ultrajoven* saem na  
Argentina. A  
PolyGram lança  
dois LPs com 38  
poemas lidos pelo  
autor.

1979 Publica *Poesia e  
prosa*, revista e  
atualizada, pela

Editora Nova  
Aguilar. Sai  
também seu livro  
*Esquecer para  
lembrar.*

1980 Recebe os prêmios  
Estácio de Sá, de  
jornalismo, e  
Morgado Mateus  
(Portugal), de  
poesia. Publicação  
de *A paixão  
medida, En Rost at  
Folket* (Suécia), *The  
Minus Sign*

(Estados Unidos),  
*Poemas* (Holanda)  
e *Fleur, téléphone  
et jeune fille...*  
(França).

1981 Publica, em edição  
fora de comércio,  
*Contos plausíveis*.  
Com Ziraldo, lança  
*O pipoqueiro da  
esquina*. Sai a  
edição inglesa de  
*The Minus Sign*.

1982 Aniversário de

oitenta anos. A  
Biblioteca Nacional  
e a Casa de Rui  
Barbosa promovem  
exposições  
comemorativas.  
Recebe o título de  
doutor *honoris*  
*causa* pela  
Universidade  
Federal do Rio  
Grande do Norte.  
Publica *A lição do*  
*amigo*. Sai no  
México a edição de  
*Poemas*.



1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.

1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.

1985 Publica *Amar se*

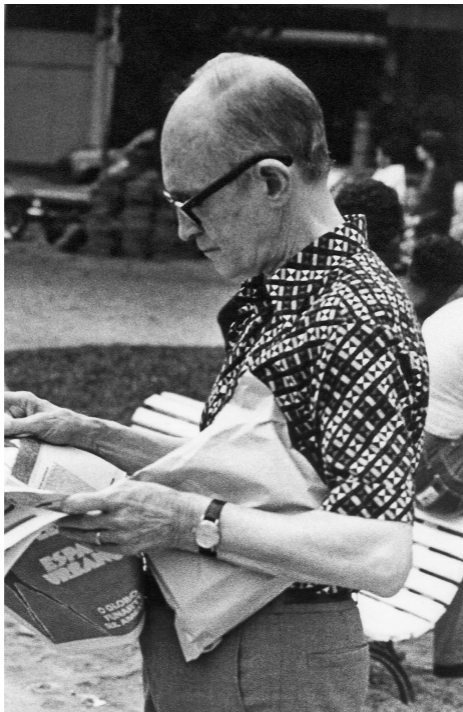
*aprende amando, O  
observador no  
escritório, História  
de dois amores  
(infantil) e Amor,  
sinal estranho  
(edição de arte).  
Lançamento  
comercial de  
Contos plausíveis.  
Publicação de Fran  
Oxen Tid (Suécia).*

1986 Publica *Tempo,  
vida, poesia.*  
Sofrendo de

insuficiência  
cardíaca, passa  
catorze dias  
hospitalizado.  
Edição inglesa de  
*Travelling in the  
Family.*

1987 É homenageado  
com o samba-  
enredo “O reino  
das palavras”, pela  
Estação Primeira  
de Mangueira, que  
se sagra campeã do  
Carnaval. No dia 5

de agosto morre  
sua filha, Maria  
Julieta, vítima de  
câncer. Muito  
abalado, morre em  
17 de agosto.

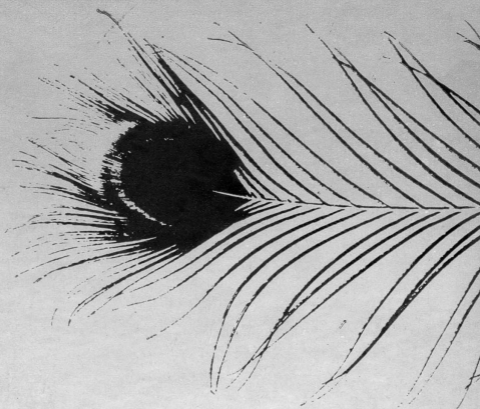




1 Capa ilustrada por Carybé da primeira edição — não comercial — de *Discurso de primavera e algumas sombras*, 1977.

Карлос Друмонд де Андрале

# Чувство за света



Народна култура

2 Em 1977, *Sentimento do mundo* saiu na Bulgária, quando o país do leste europeu ainda estava sob a esfera da influência soviética. No Brasil, a ditadura começava lentamente a diminuir seu processo repressivo. Eram tempos da “distensão lenta, segura e gradual”.



3 O escritor Erico Verissimo, que morrerá de enfarte em 1975. “Falta um solo de clarineta”, Drummond escreve no poema que homenageia o autor gaúcho.





4 Clarice Lispector, que morreu no final de 1977. Em “Visão de Clarice Lispector”, incluído na segunda edição, publicada comercialmente no ano seguinte, Drummond abre o poema com os seguintes versos: “Clarice / veio de um mistério, partiu para outro”.



5 Cinéfilo desde os tempos de cronista em Belo Horizonte, Drummond homenageia a estrela Joan Crawford (1904-1977) no poema “Joan Crawford/ *In memoriam*”: “No firmamento apagado/ não luciluzem mais estrelas de cinema”.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

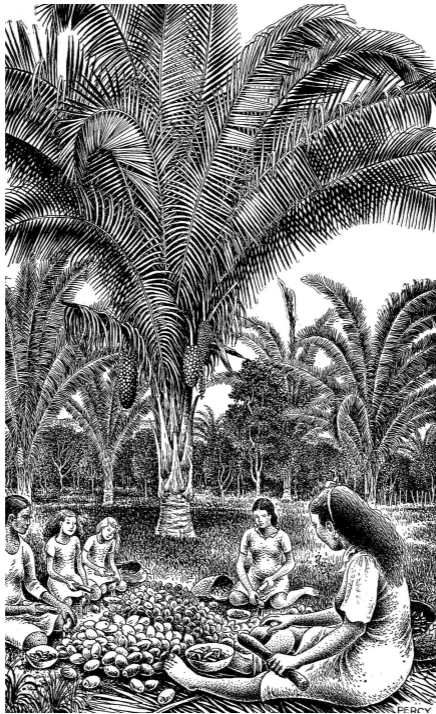
DISCURSO  
DE PRIMAVERA  
E ALGUMAS SOMBRAS

2.<sup>a</sup> edição, aumentada



LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA  
RIO DE JANEIRO/1978

6 Frontispício da segunda edição, na qual o poeta corrigiu e acrescentou novos poemas.



7 Bico de pena de autoria de Percy Lau (1903-1972), artista peruano radicado no Brasil e personagem do poema "Perda". Lau percorreu todo o país para retratar tipos característicos, cenas e paisagens para os livros do ibge.



8 Entre os netos Luis Mauricio e Pedro, com Dolores, em Buenos Aires.

## Crédito das imagens

*Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.*

Retrato de Carlos Drummond de Andrade. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

1 e 6.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

2.

Cortesia de Pedro Drummond de Andrade

3.

Leonid Streliaev/ Abril Comunicações S.A.

4.

Arquivo/ Magnum Photos/ Lainstock

7.

DR/ Percy Lau

8.

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva

## Índice de títulos e primeiros versos

*A Aogar Renault*

*A Afonso Arinos, setentão*

*A casa de Helena*

*A casa do jornal, antiga e nova*

*A contagem de tempo*

*A dor habita em nós, o cravo a ignora*

*A falta de Erico Verissimo*

*Afonso, que brincadeira!*

*A grande manchete*

*Águas e mágoas do rio São Francisco*

*Ai que jantares monótonos*

*Alagados da Bahia*

*Alceu e Tristão: o nome*

*Alceu na safira dos oitent'anos*

*Alegria, entre cinzas*

*A Lourdes e Cassiano Ricardo*

*A Lúcio Cardoso (na casa de saúde)*

*A música da terra*

*Antibucólica 1972*

*A paisagem no limite*

*A palavra mágica*

*A procura do número*

*Aproxima-se a hora da manchete*

*A rosa é um jardim*

*A rosa é um jardim*

*As arcas e os baús*

*As partes conflitantes decidiram*

*Ataíde à venda?*

*— Até a Clorofila?...*

*Augusto Frederico Schmidt 10 anos depois*

*A um contemporâneo*

*A voz*

*Besourinho escuro*

*Branca Dias*

*Branca Dias*

*Cai neve em Parnaíba*

*Calma*

*Casebres à flor d'água*

*Ceia em casa de Simão (Evangelho de Lucas, VII, 36-50)*

*Certa palavra dorme na sombra*

*Clarice*

Como se não bastasse o mundo de tristezas  
Dai-me, Senhor, assistência técnica  
Dantas Mota, profeta, e voz de rio  
Das relações entre topos e macrotopos  
Do Rio a Vila Rica  
*E aconteceu a primavera*  
E chega o momento de olhar para o amigo  
E de repente Santa Teresinha  
*Elegia carioca*  
*Em louvor de mestre Aires*  
*Entreato de paz*  
Entre visitas que perguntam  
Era pequeno, era elegante, era discreto  
Esta é uma flor para Di  
Está secando o velho Chico  
Este mundo não existente  
Exercitia, de José Geraldo Nogueira Moutinho  
*Exorcismo*  
*Fala de Chico-Rei*  
Falta alguma coisa no Brasil  
*Folheando Disegni, de Kantor*  
Francisco, bom-dia no seu dia!  
*Fruituoso Viana*  
Gigante que recusas  
*Governador em viagem*  
Há tantos diálogos  
*Inconfidência Mineira*  
*Indagação*  
*Infatigável*  
*Joan Crawford: in memoriam*  
*Jornal de serviço (Leitura em diagonal das "Páginas amarelas")*  
Kantor  
*Kreen-akarore*  
*Lembrança de Portinari*  
*Mal do século*  
Manhã de quarta-feira  
*Manuel Bandeira faz novent'anos*  
Máquinas de lavar  
Mas esta é a velha Garbo, seminua  
*Microlira*  
*Murilo Mendes hoje/ amanhã*  
Namoradas mortas  
Na morta biosfera  
Não canto  
Nava



Nem soneto nem sonata  
Nesta cidade vivo há 40 anos  
Neste botânico setembro  
NINGUÉM: Tu estás a fim de quê?  
No firmamento apagado  
No jardim cassiano  
*Num planeta enfermo*  
Ó Aires dos ares bons  
O Brasil tem muitas Aparecidas  
*O comércio da privacidade*  
*O constante diálogo*  
Oi, poeta!  
— Olha. *O nariz do morto!* — que nariz  
O nariz do morto  
O poeta elabora sua personagem  
O progresso não recua  
*O sábio sorriso*  
*Os namorados do Brasil*  
Os peões, os seringueiros, os pescadores de surubim  
O universo de Portinari  
Para você ganhar belíssimo Ano Novo  
Paris pede postais  
*Pedro Nava a partir do nome*  
*Perda*  
Por que não vais a Belo Horizonte? a saudade cicia  
*Postal para Catherine*  
— Quanto quer pelo Ataíde?  
Que alguém te cante e te descante  
*Receita de Ano Novo*  
*Receituário sortido*  
*Recomendação*  
Rei  
*Retrato de uma cidade*  
*Retrolâmpago de amor visual*  
Rotativa  
Russa translúcida de sorriso tímido  
Se não erro  
*Som*  
*Sussuro*  
Tem dois escravos Padre Toledo  
Tem nome de rio esta cidade  
*Todo mundo e ninguém* (Auto da Lusitânia, de Gil Vicente)  
*Traços do poeta*  
*Triste horizonte*  
*Ultratelex a Francisco*

*Uma flor para Di Cavalcanti*  
*Um besouro em toda parte*  
*Um lírio, por acaso*  
Veleja o poeta em mar desconhecido?  
*Visão de Clarice Lispector*

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

#### CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Série montanhas do Rio (Ponta do Morcego, Niterói)*,  
1987, de Wanda Pimentel, acrílica sobre tela, 80 x 100 cm.

Coleção particular.

#### PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

#### ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

#### PREPARAÇÃO

Jaime Azenha

#### REVISÃO

Huendel Viana

Adriana Bairrada

ISBN 978-85-438-0055-4

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)